

DGER. COM

CORONAVÍRUS

COMUNIDADE

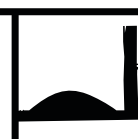
CULTURA E
HISTÓRIA

EQUIDADE

GESTÃO

QUALIDADE
DE VIDA

ACESSIBILIDADE



QUESTÃO

INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Pesquisa de clima organizacional revela índices de satisfação expressivos

Entender a forma como os colaboradores percebem e são impactados por determinadas situações é essencial para que mudanças organizacionais sejam colocadas em prática. Pensando nisso, o Senado realizou, no fim do ano passado, mais uma edição da Pesquisa de Clima Organizacional. O levantamento contou com a participação de 35% de colaboradores, de todos os perfis, da Casa.

Em termos de gestão, a parceria inédita entre a Diretoria-Geral e a Secretaria-Geral da Mesa para a realização da pesquisa serviu para ampliar o escopo do estudo, o que permitiu uma avaliação mais diversificada do clima institucional. Em relação ao questionário, a novidade foi a inclusão de uma questão específica sobre racismo, aliada à avaliação de dados a partir da variável cor/raça. Todos esses aspectos foram validados pelo Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça e pelo Grupo de Afinidade de Cor/Raça.

VOLTAR | INÍCIO



A pesquisa também aproveitou o atual contexto de combate à covid-19 para consultar os colaboradores sobre a atuação do Senado na pandemia e na implantação do regime de teletrabalho. A instituição teve seu desempenho muito bem avaliado pelos respondentes que, de 0 a 10, deram nota 8,8 no quesito saúde; 8,7 em gestão de pessoas; 8,6 em área legislativa; e 8,5 em comunicação interna.

AVANÇAR

Entre os resultados positivos, estão ainda o contentamento dos colaboradores com o Senado e com o clima organizacional em geral. Um percentual significativo dos respondentes (89%) está satisfeito com a instituição, um aumento de 10 pontos percentuais em relação a 2018. O ambiente de trabalho também foi avaliado positivamente: 87% dos participantes se sentem bem com o próprio setor (5 pontos a mais que em 2018).

Realizado com o apoio do DataSenado e da Secretaria de Comunicação Social, o estudo revelou que 95% dos respondentes sentem-se orgulhosos em trabalhar no Senado, e 92% comemoram um relacionamento amigável com seus pares. Foram evidenciados também equilíbrio entre vida pessoal e profissional (89%), satisfação trazida pelo trabalho executado (89%) e atuação ética dos colegas (86%).

Ferramenta fundamental —

Dentro do quantitativo de participantes, está a servidora Dayane dos Santos Brito, do Serviço de Atendimento ao Usuário (Seatus). Para ela, o levantamento é de grande importância, já que “a partir das respostas é possível compreender qual a percepção dos servidores quanto ao ambiente de trabalho”.

— *Ouvir a opinião dos colaboradores é escutar o que a própria organização quer falar, suas insatisfações, desejos e objetivos. A partir do momento que os funcionários percebem que sua opinião não está sendo apenas ouvida, mas usada para melhorar os processos organizacionais, eles terão mais engajamento em realizar suas atividades e uma sensação maior de pertencimento* — comentou.



VOLTAR | INÍCIO




Para a diretora-geral da Casa, Ilana Trombka, “*o aumento de todos os números em relação à satisfação, tanto do próprio setor, como em relação ao Senado enquanto instituição, demonstra que um clima favorável é essencial para a efetivação do trabalho e para a obtenção dos resultados desejados*”. Ela ressalta ainda que a “*Casa precisa de todos: servidores efetivos, comissionados, terceirizados, estagiários e menores aprendizes. Por isso, queremos criar o melhor ambiente para que o trabalho possa ser desenvolvido em prol dos mandatos parlamentares e da cidadania*”

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



Diferenças - Marina Vahle, chefe do Serviço de Saúde Ocupacional e Qualidade de Vida no Trabalho (SesoQVT), destacou que, entre os dados apurados, a maior diferença observada foi na satisfação dos colaboradores com a Casa. O objetivo era conseguir 85% de satisfação entre os colaboradores, e o resultado ultrapassou a meta, ficando em 89%, incluindo todos os vínculos funcionais.



— *Entre servidores da Casa (efetivos, comissionados e requisitados), a satisfação ultrapassou os 90%! Outra grande diferença nessa pesquisa foi a melhora, comparativamente à pesquisa de 2018, nos quesitos Ética, Comunicação e Cidadania Organizacional. Comunicação, por exemplo, foi o aspecto menos bem avaliado em 2018, com apenas 49% de elogios, ao passo que, em 2020, 75% dos respondentes se mostraram favoráveis a aspectos desse quesito na Casa* — explicou.



Segundo Marina, o estudo é considerado de alta complexidade e tem exigido da sua equipe dedicação de quase um ano de trabalho. Agora, o SesoQVT executa a análise da opinião dos colaboradores em cada secretaria do Senado. Os resultados serão entregues aos respectivos gestores para que possam promover as melhorias necessárias em cada ambiente organizacional, afirma a servidora.

VOLTAR | INÍCIO

AVANÇAR



ARTIGO SOBRE PROGRAMA REENCONTRO É PUBLICADO EM REVISTA CIENTÍFICA DA CÂMARA

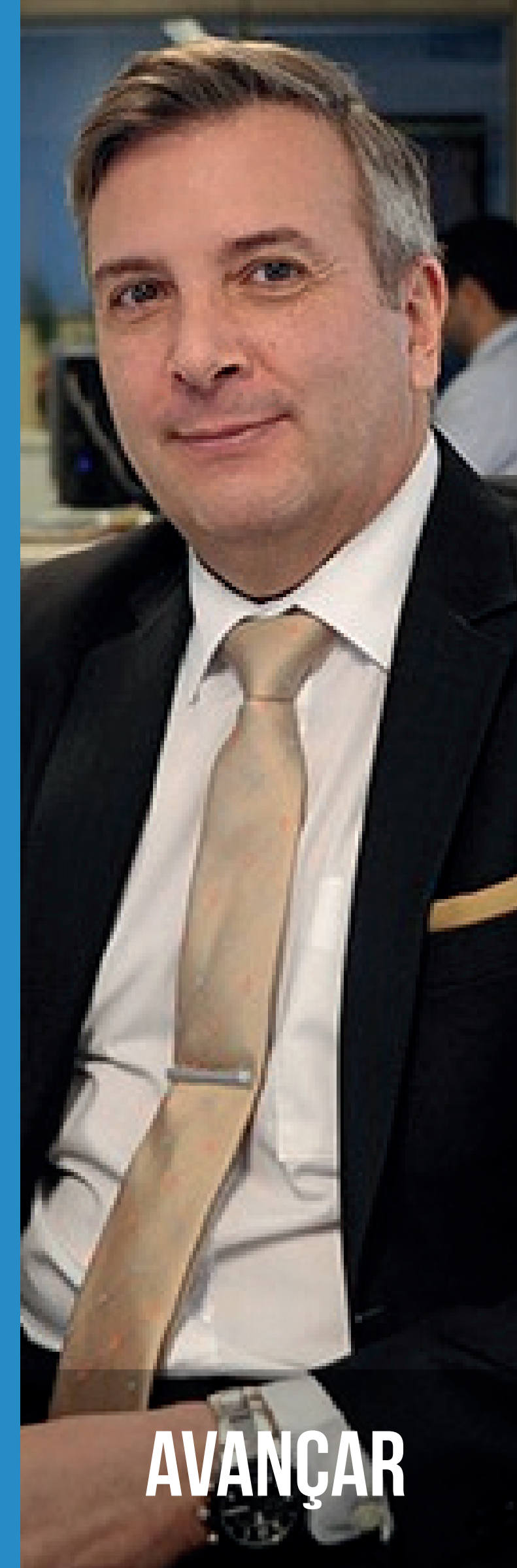
A diretora-geral, Ilana Trombka, publicou um artigo científico sobre a experiência do programa Reencontro na revista eletrônica E-Legis, do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados. O material foi produzido em parceria com o servidor Paulo Meira, assessor técnico da Secretaria de Gestão de Pessoas (SEGP).

No texto, os autores pontuam a bem-sucedida parceria entre o Senado, o Sindicato dos Servidores do Poder Legislativo Federal e do Tribunal de Contas da União (Sindilegis), do LegisClub, da Associação dos Servidores Aposentados e Pensionistas (Assisefe) e da Associação dos Servidores do Senado Federal (Assefe) para o sucesso da iniciativa.

Ilana destaca que a revista é uma referência e lembra a importância de divulgar bons exemplos, como é o caso dessa prática adotada pelo Senado há alguns anos.

— *Nós transferimos todas as iniciativas e necessidades do recadastramento dos aposentados para o espaço da Assefe, e lá, junto com esse procedimento, os colegas aposentados têm acesso a informações e exames de saúde, além de uma confraternização para que as pessoas se encontrem, possam estar juntas e retomem aquela convivência do Senado Federal em suas vidas. Mas é claro que isso acontecia antes da pandemia. Não só o recadastramento foi suspenso, como nossos eventos também* — explica a diretora-geral.

De acordo com Paulo Meira, o artigo traz uma nova evidência e um suporte de comunicação à iniciativa: *“Agora, como publicação científica, ganha força para ser divulgado e, quiçá, replicado em outros órgãos públicos”*.



VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Os encontros – Suspenso em março do ano passado, em razão da pandemia de covid-19, o Reencontro é considerado um dos programas mais festejados da administração do Senado. Desde 2018, envolve aposentados e pensionistas da Casa, que se reúnem em local agradável para ter acesso, além do recadastramento, a diversos serviços de saúde e, mais: confraternizar com antigos colegas e amigos.

Vale lembrar que o recadastramento obrigatório dos servidores aposentados e pensionistas é realizado anualmente, no mês de aniversário do servidor e também está suspenso por causa da pandemia.



A ação nasceu a partir de uma preocupação da DGer com o desgaste desse público no deslocamento até as dependências do Senado, onde estacionamento, caminhada e espera somavam aborrecimentos a quem depende desses serviços. Com o reencontro, é o inverso: os serviços vão até os aposentados e pensionistas.

Dependendo da época do ano, o local de encontro acontecia junto ao Lago Paranoá, na sede da Assefe. Na estação das chuvas, eles costumavam se reunir na sede do Sindilegis.



VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



Satisfação comprovada – Pelo menos 35% dos aposentados que participaram da pesquisa de satisfação sobre o Programa Reencontro, feita em 2020, afirmaram ter ido a um ou mais encontros do projeto. Para a maioria deles, a oportunidade de rever amigos e colegas é o principal atrativo. Ao todo, 322, num universo de 1.995 aposentados que residem no Distrito Federal, responderam ao levantamento.

Para ler o artigo, acesse [o link aqui](#).

VOLTAR

DGER.COM

INÍCIO

QUALIDADE DE VIDA

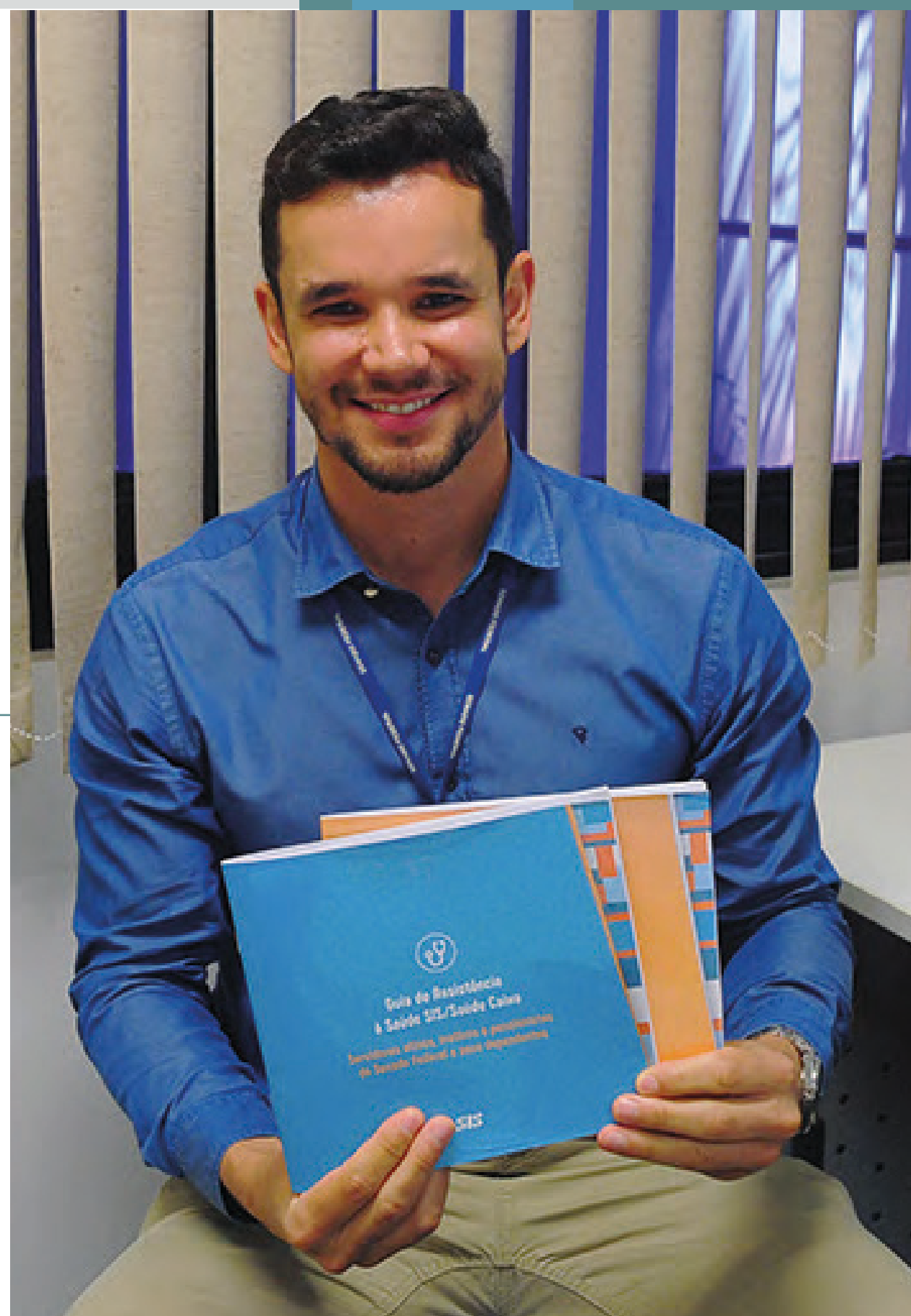
INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Rede credenciada própria será autossuficiente até o fim do ano, garante SIS

Chegamos ao quinto mês do ano e o objetivo de conquistar a autossuficiência da rede credenciada própria nunca esteve tão perto. Segundo o coordenador de Atendimento e Relacionamento do SIS, Geovane Resende, a ideia é cumprir a meta até o fim de 2021. Para que isso aconteça, o foco está voltado à ampliação e ao fortalecimento da lista de prestadores de saúde.



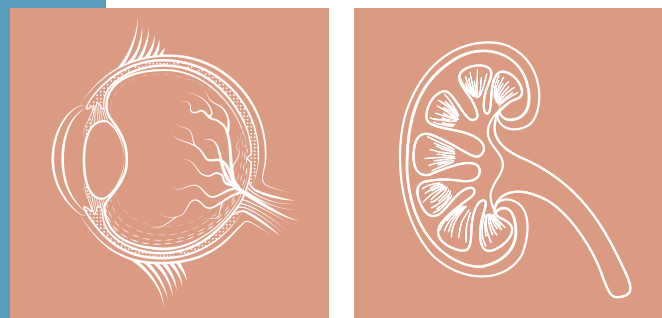
— Apesar das dificuldades encontradas com a pandemia, o projeto [de fortalecimento da rede própria] continua a todo vapor. O cadastramento de profissionais e instituições deixa nossa rede ainda mais robusta, garante atendimento de excelência aos beneficiários, inclusive disponibilizando a maior quantidade de leitos hospitalares possível, com grande acesso a Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) e a respiradores — assegurou Geovane.

VOLTAR | INÍCIO

AVANÇAR

Entre as novidades estão a inclusão, em fevereiro, de três instituições com reconhecida credibilidade. Desta vez, com foco na saúde dos olhos e dos rins. Uma delas é o Hospital Pacini, referência em oftalmologia no DF: *“Ali, é possível realizar diversos tipos de atendimentos, desde a avaliação oftalmológica periódica até cirurgias complexas e transplante de córnea”*.

Já na área de nefrologia, foram incorporadas as Clínicas de Doenças Renais de Brasília, que possuem uma unidade na Asa Sul e outra em Taguatinga. De acordo com Geovane, as instituições são respeitadas na área de hemodiálise (filtragem do sangue) e em outros atendimentos relacionados à especialidade renal.



Grafismo: Freepik



Para o servidor Henri Cavalcanti Curi, lotado no Serviço de Tradução e Interpretação, a concretização da autossuficiência do SIS é uma ótima conquista para os usuários: *“Como servidor e cidadão, só posso aplaudir iniciativas que visem a reduzir custos, tanto para os associados quanto para o órgão público”*.

— *Sou paciente do Hospital Pacini há alguns anos via Saúde Caixa, tendo inclusive me submetido a cirurgia lá. O atendimento sempre foi excelente. Não encontrei qualquer resistência ou dificuldade para usar o convênio direto com o SIS, e tive um ótimo atendimento, como sempre* — disse.

Ganhos — Geovane resalta ainda que a ampliação da rede própria tem inúmeras vantagens, a exemplo da maior agilidade no processo de autorização dos procedimentos, autonomia na cobertura e contratação de atendimentos, além de mais celeridade, facilidade e transparência nos pagamentos das despesas com saúde.

Em março, seis hospitais de referência também passaram a atender diretamente pela rede própria. São eles: Hospital Brasília Lago Sul (Rede Ímpar), Maternidade Brasília (Rede Ímpar), Hospital Anchieta, Hospital Ortopédico e Medicina Especializada (Home), Hospital Urológico de Brasília e Hospital Santa Marta.

VOLTAR | INÍCIO

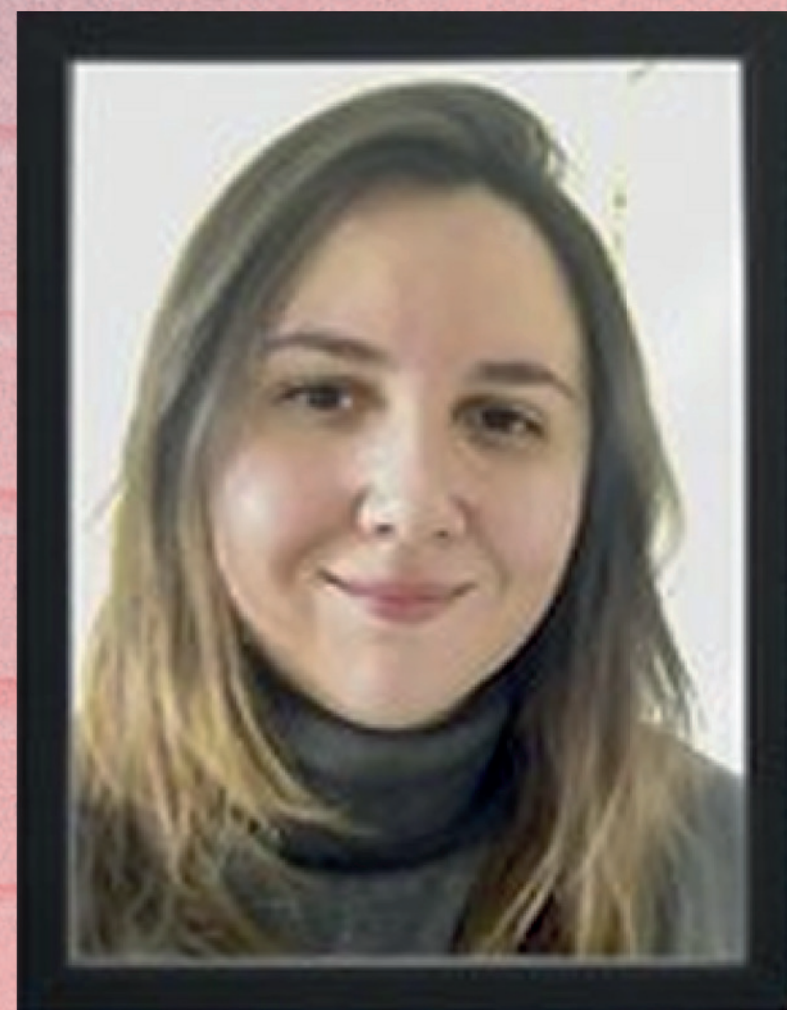
AVANÇAR

REPRESENTANTES DO CONSELHO DE SUPERVISÃO DO SIS SÃO ELEITOS

Quatro servidores – dois ativos e dois aposentados - foram escolhidos em abril para ocupar o Conselho de Supervisão do SIS, o Sistema Integrado de Saúde do Senado Federal. Na votação para os representantes ativos, foram eleitas Anna Carolina Rabello de Lucena Castro, com 182 votos, e Agatha Bernardo, com 172. Entre os inativos, foram escolhidos Marcelo Chagas Muniz, com 229 votos, e Rui Oscar Dias Janiques, com 223.



CAROLINA RABELLO
182 VOTOS



AGATHA BERNARDO
172 VOTOS



MARCELO MUNIZ
229 VOTOS



RUI JANIQUES
223 VOTOS

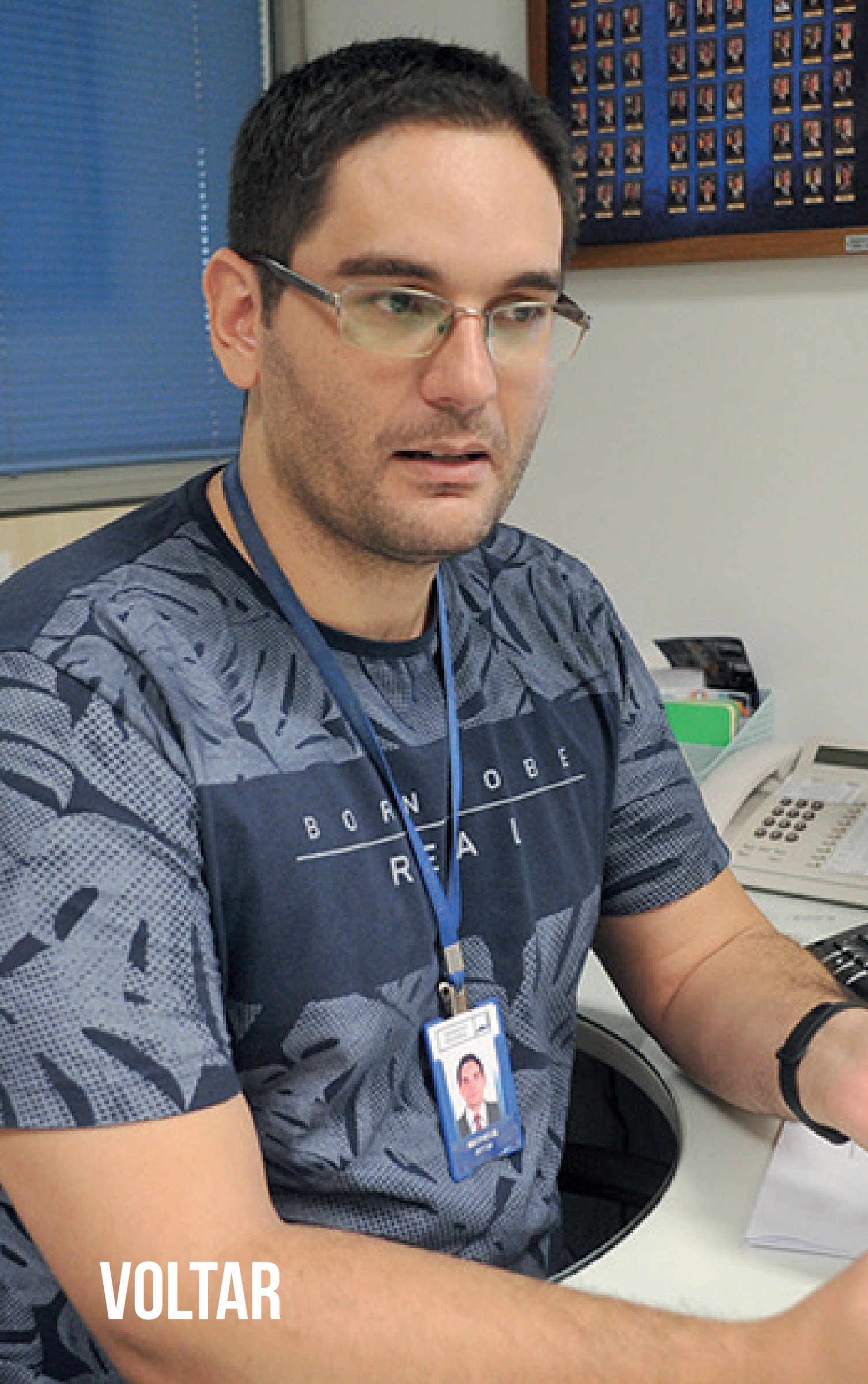
The image features the 'sis' logo in a bold, blue, sans-serif font. The dot of the 'i' is a small orange square. Below the logo is a stylized bar chart with several bars of varying heights in shades of blue and orange. An orange line graph is overlaid on the chart, showing an upward trend from left to right.

sis

Na votação, em urna virtual aberta no Ergon, era possível a cada eleitor escolher até dois candidatos, mas nem todos usuários do plano registraram os dois votos. Os eleitos atuarão no biênio 2021-2023 e serão nomeados pelo presidente do Senado, o senador Rodrigo Pacheco.

O servidor Paulo Meira, que presidiu a comissão organizadora das eleições dos representantes dos servidores, destacou que houve um aumento de 60% no número de aposentados votantes neste pleito — mesmo com a impossibilidade de votação presencial — em relação às eleições passadas, quando 182 aposentados participaram.

— *É gratificante e surpreendente. Para esse sucesso, houve a confluência de três fatores: um forte trabalho de comunicação do SIS, um amplo apoio da Assisefe, Sindilegis, Assefe, Alesfe e Comsefe, e um belíssimo trabalho de apoio do Prodasen* — afirmou, ressaltando que essa foi a primeira vez em que a escolha dos conselheiros foi feita totalmente on-line, levando em conta a proteção à saúde de todos.



VOLTAR

Expectativas – Anna Carolina, chefe de gabinete do Senador Jaques Wagner, confessa que está feliz com o novo desafio: *“Estou ansiosa e preocupada em estar à altura do cargo. Tenho me inteirado sobre assuntos e temas que julgo importantes para o desempenho responsável da função, como, por exemplo, a leitura de legislações e normas do SIS e do Conselho de Supervisão. Pretendo me aprofundar mais para que, de fato, possa me sentir mais segura nas discussões e decisões do Conselho e, assim, possa contribuir positivamente para que continuemos a ter um plano de saúde de excelência”*.

Um dos escolhidos para representar o corpo funcional inativo, Rui Oscar ocupou, na década de 1980, o cargo de diretor da Secretaria de Tecnologia da Informação (Prodasen), e iniciará seu segundo mandato como conselheiro.

— *Tenho grandes expectativas de que todos juntos conseguiremos caminhar mais e mais no aprimoramento de um SIS, que já hoje é muito bom. A dinâmica de mudanças faz parte da vida e muito mais ainda da área da saúde. O SIS, como vem fazendo, acompanhará estas mudanças, mantendo-se como um excelente plano de assistência à saúde dos servidores do Senado.*

Um dos votantes foi o servidor Matheus Medeiros, coordenador de administração de pessoal, na SEGP. Para ele, o escrutínio remoto traz inúmeras vantagens, já que é possível votar de qualquer local, até mesmo pelo celular.

— *Se nos isentamos de processos importantes e democráticos como a eleição dos conselheiros do SIS, isso nos afeta diretamente. Por isso, participarmos das decisões que nos tocam, como o cuidado com a saúde, é essencial* — disse.

DGER.COM

INÍCIO

CULTURA E HISTÓRIA

INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Livros digitais gratuitos

Início > Livros digitais gratuitos

Departamentos

Livros históricos e literários
(301) ▾

Legislação (94) ▾

Teses e dissertações (24)

Periódicos (9)

Livros digitais gratuitos (338)



PRODUTOS PARA COMPARAR (0)

Padrão ▾

15 ▾



A abolição (vol. 39)

R\$17,00

Mais conhecido como autor da letra do Hino Nacional, Osório Duque Estrada (1870-1927) foi, além de p..

MAIS DE 300 TÍTULOS DA LIVRARIA DO SENADO PODEM SER BAIXADOS GRATUITAMENTE

Os primeiros cinco meses deste ano foram marcados por conquistas para a Livraria do Senado. Uma delas foi a de ultrapassar a marca de 300 títulos digitais no acervo. São livros que reproduzem textos legais, como a Constituição Federal e o Código Penal, e podem ser baixados gratuitamente, em formato PDF ou ePUB (arquivo para dispositivos de leitura digital, como Kindle).

O crescimento do quantitativo de títulos digitais é fruto de um esforço iniciado há cerca de dois anos, conforme explica **Thomas Jefferson Gonçalves**, chefe do Serviço de Multimídia: *“A Coordenação de Edições Técnicas vem trabalhando em conjunto com o Conselho Editorial e com a Biblioteca do Senado para identificar títulos que, por alguma razão, poderiam ser distribuídos gratuitamente”*. Fazem parte desse escopo, por exemplo, obras que entraram em domínio público ou aquelas cujos direitos já tinham sido cedidos pelo autor ao Senado.

— *Além de identificar essas obras, tivemos que recuperar os arquivos de backup e formatar de maneira a disponibilizar na Biblioteca Digital (BDSF). Como resultado, quase dobramos a quantidade de obras disponíveis na Livraria. Para nós, é uma grande satisfação, pois nossa meta é democratizar o conhecimento.*

Thomas ressalta que o objetivo é seguir no caminho de ampliação do acervo. Ao todo, 32 publicações inéditas foram lançadas no ano passado. Já nos primeiros meses de 2021, cinco novas obras foram incorporadas à lista de publicações disponíveis para download gratuito. Paralelamente, a ideia é também incrementar plataformas de distribuição, como tem sido com o Google Play e iBooks.



Diferencial nos estudos - Com um público-alvo formado por estudantes universitários e profissionais que estão se preparando para concurso, as obras disponibilizadas pela Livraria têm feito a diferença na rotina dos usuários. Uma delas é a advogada e professora Denise Ramos.

— *Já baixei livros de cunho histórico e a Constituição. Ter acesso a esses materiais tem feito muita diferença na minha preparação para os concursos* — disse.



Redes sociais - Outro feito a ser celebrado é a popularização da página da Livraria do Instagram, após um ano de sua criação. Com 15,1 mil seguidores, o perfil tem conquistado cerca de mil novos adeptos a cada mês, salienta Thomas Jefferson.

— *O trabalho desenvolvido por nós nas redes sociais para a Livraria do Senado tem sido muito gratificante. Temos tentado inovar na linguagem, criando séries como A Livraria do Senado Explica e promoções. É importante dizer que o êxito só foi possível com a parceria de outros setores da Casa, e as demais contas institucionais, como a conta principal do Senado, Rádio, TV, Biblioteca e Interlegis* — disse.

REQUIDADE

INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Comitê comemora aniversário do voto feminino no Brasil

Como foi a luta que cruzou os séculos 19 e 20 para dar à mulher o direito ao voto? Uma matéria publicada na intranet, por iniciativa do Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça do Senado, contextualizou esse fato histórico para lembrar a passagem do dia 24 de fevereiro, quando completou 89 anos a publicação do Código Eleitoral que permitiu o voto feminino no Brasil.



Foto: Centro de Memória/TSE



Esse direito era reivindicado por mulheres de todo o mundo ao longo do século 19. A Nova Zelândia, pioneira nessa legislação, regulamentou tal avanço em 1893. No Brasil, o movimento pelo voto feminino começou a ganhar corpo com o jornal *A Família*, fundado em 1888 por Josefina Álvares de Azevedo — uma das homenageadas pela coleção *Escritoras do Brasil*, do Senado, com a obra *A Mulher Moderna*. Boa parte dos artigos publicados era em defesa do sufrágio feminino.

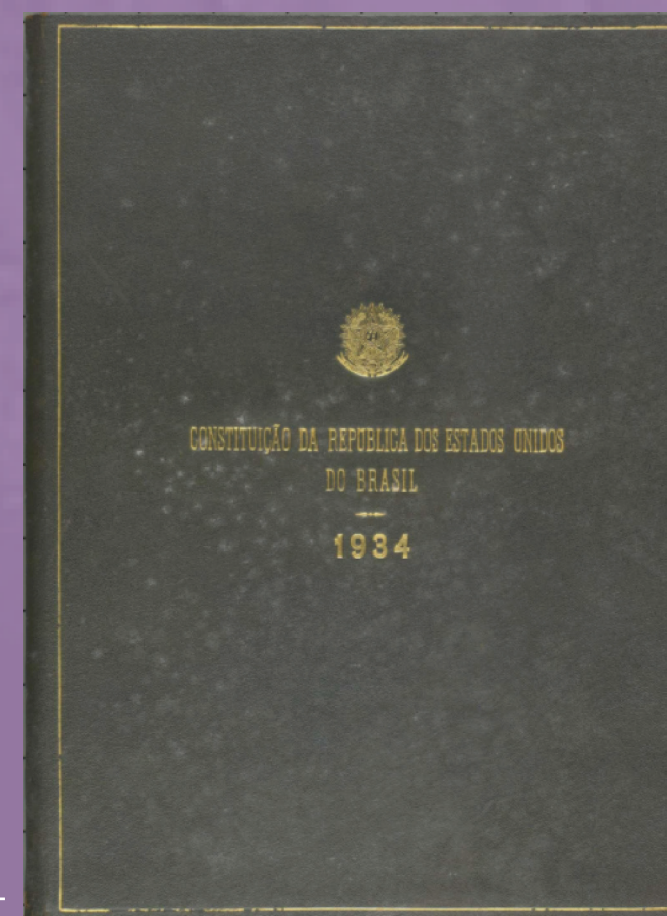


Foto: Centro de Memória/TSE



Foto: Centro de Memória/TSE

Mas foi em 1922 que Bertha Lutz fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), vinculada ao movimento sufragista internacional. Antes disso, ela tinha sido uma das fundadoras da Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher. A luta da FBPF logrou vitória dez anos depois, quando o Código Eleitoral promulgado no governo provisório de Getúlio Vargas trouxe a permissão de voto para mulheres, o que foi inscrito como direito na Constituição de 1934.



Bertha Lutz



[VOLTAR](#) | [INÍCIO](#)

[AVANÇAR](#)



Como lembra a consultora legislativa Roberta Viegas, integrante do Comitê de Equidade do Senado, o Brasil foi, junto com o Uruguai, o primeiro país da América Latina a avançar nesse campo. Pela legislação de 1932, havia dois critérios para que mulheres pudessem ir às urnas: ter mais de 21 anos e ser alfabetizada.

— *A disparidade entre os países quanto ao tempo de outorga desse direito às mulheres é representativa da desigualdade de gênero que permeia culturalmente toda a sociedade. A inserção das mulheres nesse espaço político, portanto público, não veio de graça, mas dependeu da organização da sociedade, especialmente de movimentos de mulheres, para que isso acontecesse* — reforça Roberta.

Diante das incertezas provocadas pela crise sanitária mundial, não se sabe ainda como será a comemoração dos 90 anos do direito ao voto das mulheres no Brasil. Para isso, conta Roberta Viegas, “o Comitê estuda as possibilidades e está aberto a sugestões dos colegas”.

VOLTAR | INÍCIO

AVANÇAR

Março Mulheres

Março Mulheres é marcado por eventos a distância, mas que unem em propósitos

Em mais um ano pandêmico, a programação do Março Mulheres ficou restrita ao âmbito virtual, entretanto as discussões e reflexões acerca da política de gênero e da luta contra a violência e a desigualdade foram intensas.

Pelo menos 1,3 mil pessoas acompanharam os 12 eventos remotos realizados.

As atividades, programadas em conjunto pelas duas Casas Legislativas e pelo Tribunal de Contas da União (TCU), trouxeram à tona temas como pressão estética, mulheres no home office, neurociência e liderança, além da criação, no setor público, de uma rede de comitês em favor da promoção da igualdade de gênero e raça. Foi um mês marcante e dedicado à promoção da equidade, e uma oportunidade de homenagear aquelas que empunharam bandeiras que oportunizaram os avanços hoje vivenciados.

[VOLTAR | INÍCIO](#)

DGER.COM

[AVANÇAR](#)

Uma das participantes foi a servidora Nereida Odessa, do gabinete da Liderança do PSD, que acompanhou e interagiu na roda de conversa sobre pressão estética e controle do corpo, realizada em 12 de março. Para ela, assistir ao debate significou uma conquista, já que sua trajetória de vida é marcada pela luta contra a gordofobia, nome dado ao preconceito direcionado a pessoas com obesidade.



— *Foi uma grande vitória falar disso no Senado, assunto que venho procurando me informar por anos. Senti que as experiências que vivi ao longo da minha vida sobre isso não foram em vão ou coisas inventadas da minha cabeça. Sei que, além de mim, muitas mulheres sofreram e ainda sofrem esse tipo de violência.*

Segundo Nereida, a discussão trouxe elementos que fortaleceram sua autoestima e garantiram uma sensação de pertencimento: *“Passei a achar que não sou um peso morto na Casa, que posso contribuir com algo de extrema relevância. Por isso, acredito que será bom dar continuidade não apenas às rodas, mas a tudo que for necessário para ajudar as mulheres”*.



Dalva Moura, que em março era coordenadora do Comitê Permanente pela Promoção da Equidade de Gênero e Raça, acredita que o mês representa o momento tanto de reforçar a luta feminina por direitos básicos, quanto de comemorar conquistas: *“De campanha em campanha, de pesquisa em pesquisa, de debate em debate, vamos levando a um nivelamento de ideias, de reflexões e canalizando o conhecimento, buscando sempre o entendimento de que a equidade só virá por meio de ações concretas com a união de todos e todas”*.

Violência doméstica — Como parte das ações previstas, a diretora-geral Ilana Trombka conversou com a promotora de justiça do Ministério Público de São Paulo, Fabíola Sucasas, sobre questões relacionadas à violência de gênero e sua ligação com a saúde. No diálogo, elas concordaram que o abuso doméstico deve ser considerado um assunto não apenas de polícia, mas também do sistema de saúde pública.

— *A formulação de políticas públicas sobre violência é interdisciplinar. Uma relação interessante é do combate à violência e o apoio jurídico por meio de atores inesperados. Não é apenas o policial ou o promotor que inicia isso. O primeiro contato com essa mulher pode ser com um profissional de saúde, treinado para identificar as pistas de que algo de errado acontece* — ressaltou Ilana.



Fabíola sustentou o argumento citando estudos que apontam uma incidência duas vezes maior de depressão em mulheres sujeitas a violência. Ela destacou ainda que existe uma batalha para quebrar estigmas na própria rede de saúde. Segundo a promotora, quando adolescentes fazem exames de gravidez em postos de saúde, ainda não é comum o atendente questionar se ela foi vítima de algum abuso.

— *Às vezes, o profissional vai fazer um atendimento querendo chamar a polícia, mas a mulher não fala a origem da agressão. Então é preciso uma capacitação. Existe a obrigatoriedade de notificação da violência, mas isso tem fins estatísticos e não significa acionar a polícia. As situações precisam ser conhecidas e é preciso garantir também a segurança dos profissionais* — afirmou Fabíola.



VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Marco Mulheres



Presença masculina ainda é desafio
- De acordo com Terezinha Nunes, gestora do programa Pró-Equidade de Gênero e Raça do Senado, a adesão das colegas nas ações propostas foi satisfatória, mas angariar homens interessados na discussão ainda é uma missão difícil.

— *A mudança para um mundo menos desigual passa por eles, pela sociedade como um todo, e o benefício é para todos e todas* — disse a servidora.



Por falar em desafios, Márcia Yamaguti, da equipe de eventos da Diretoria-Geral, falou sobre o trabalho de construir uma programação virtual: *”O principal foi efetivamente conectar as pessoas usando a tecnologia em uma ‘nova’ forma de se comunicar, além de ofertar um conteúdo relevante capaz de despertar o interesse do público em um cenário de tantos eventos digitais concorrentes. A divulgação nas mídias sociais se mostrou estratégica em tempos de eventos virtuais”*.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Inspirada em norma do Senado, Lei de Licitações traz cota para mulheres vítimas de violência

Uma iniciativa de 2016 da Administração do Senado foi adotada nacionalmente pelo [Congresso no projeto da nova Lei de Licitações \(PL 4.253/2020\)](#), sancionada no início de abril pelo presidente da República. Trata-se da cota para mulheres em situação de violência doméstica nos contratos de mão de obra terceirizada.

A ação afirmativa foi inscrita no parágrafo 9º do art. 25 da Lei [14.233/2021](#), e autoriza os editais de licitação a incluírem entre os critérios de contratação de empresas terceirizadas um percentual de mulheres vítimas de violência doméstica. O texto também prevê a implementação de ações de equidade de gênero como fator de desempate entre concorrentes.

No Senado, essa prática foi possibilitada por meio do Ato da Comissão Diretora nº 4, de 2016, que instituiu o [Programa de Assistência a Mulheres em Situação de Vulnerabilidade Econômica em Decorência de Violência Doméstica e Familiar](#). Já no ano seguinte foi realizada a primeira contratação sob a nova regra, que reserva a esse público um mínimo de 2% das vagas nos contratos de terceirização com mais de 50 vagas. As candidatas, por sua vez, têm que demonstrar qualificação para o cargo.

Idealizadora do sistema de cotas para mulheres vítimas de violência, a diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, comemora a inclusão da iniciativa em lei nacional.



— A aprovação da lei mostrou que a partir de uma política interna do Senado nós podemos fomentar, inspirar políticas públicas. E, nesse caso específico, estamos falando de manter essas mulheres afastadas do ciclo de violência por meio da inserção no mercado de trabalho. Com um salário, elas podem sustentar a si e aos seus filhos, além de retomar a autoestima através da vida produtiva — explica Ilana.

Em [artigo no portal Sollicita](#), especializado em licitações, Renato Fenilli, secretário-adjunto de Gestão do Ministério da Economia, exaltou o exemplo do Senado e sua influência na adoção da ação afirmativa na nova lei.

— *Trata-se de iniciativa exitosa e premiada, levada a cabo nos últimos anos* - afirmou Fenilli.

Órgãos de pelos menos seis estados já adotaram o sistema. São os casos do Ministério Público e da Câmara Legislativa do Distrito Federal e das assembleias legislativas de Santa Catarina, Goiás, Maranhão e Rio Grande do Norte, entre outros. Presidente da seção catarinense da Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica, Ingrid Hofstätter incentiva empresas privadas a também adotarem as cotas.

— *Muitas dessas mulheres foram tão oprimidas que não tiveram oportunidade de estudar, de se qualificar, mas estão aptas para serviços de limpeza, de auxiliar de cozinha, por exemplo. Eu realmente acredito que programas como esse são libertadores, e deveriam ser vistos com muito carinho também pelas empresas privadas.*

A origem solidária das cotas

O ano era 2016. Colaboradores do Senado participavam de campanha voluntária, em parceria com o Governo do Distrito Federal (GDF), para arrecadar bolsas com itens de higiene e vestuário para mulheres vítimas de violência, acolhidas pela Casa Abrigo, lar transitório onde recebem assistência psicológica e capacitação.

Realizada a campanha, que juntou no Senado 155 bolsas com artigos de higiene, além de cosméticos e outras 240 peças de vestuário, surgiu um questionamento em conversa da diretora-geral com colegas.

Quem explica é a própria Ilana:

— *Pensamos no que leva uma mulher a voltar para casa, nessa situação. Vimos que a única maneira de fazer essa mulher não retornar ao lar é se ela tiver a sua própria renda. E como o Senado poderia contribuir? Aí surgiu a ideia de um ato que garantisse um percentual de vagas, nos nossos contratos de terceirização, para mulheres em situação de vulnerabilidade.*

Avalizada pela Comissão Diretora (Ato nº 4/2016), o passo seguinte foi fechar um acordo com o próprio GDF, por meio da então Secretaria de Trabalho, Desenvolvimento Social, Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos. É que essa Secretaria, atualmente chamada Sedes, possui o cadastro das vítimas de violência doméstica, futuras beneficiadas pela iniciativa. Pelo convênio, o órgão colabora com a empresa ganhadora do certame para a seleção das funcionárias, e mantém a condição de cada uma no anonimato, de forma a protegê-las no ambiente de trabalho.

Atualmente, o Senado emprega 34 mulheres incluídas no sistema de cotas. Entre elas, Liliane Luiza (nome fictício), que em 2019 escreveu uma carta à Diretoria-Geral do Senado com seu testemunho sobre o programa de cotas (leia a seguir).

Brasília, 23 de maio de 2019

Dra. Ilana, assisti a uma palestra que a senhora fez sobre violência contra a mulher. Fiquei muito emocionada com suas palavras e resolvi lhe contar um pouco da minha história. Nasci em 79, no Ceará, filha de mãe solteira. Aos quatro anos, viemos para Brasília. Minha mãe arranhou trabalho como empregada doméstica. Durante a semana, eu ficava na casa de uma tia dela e, aos fins-de-semana, quando não ia para festas beber ou namorar, ela me visitava.

Só que na casa dessa tia viviam também o marido, dois rapazes e uma moça. Fui violentada durante um ano pelo marido dela e por um dos rapazes. Já a moça me batia muito. Ela me torturava! Eu contava para minha mãe, mas ela nunca acreditava no que eu dizia!

Aos cinco anos, fomos morar na antiga Favela do CEUB junto com um homem que ela conheceu. Esse homem me violentou por mais de sete anos. Quando, finalmente, tive coragem de contar para minha mãe, ela o entregou para a polícia. Mas a separação só durou quatro meses, porque ela voltou para ele e tive que me proteger sozinha.

Assim, aos 15 anos, saí de casa para me casar com um homem de 30. Meu casamento se resume a 16 anos de martírio: fui proibida de estudar, humilhada, estuprada, traída... E o padrão continuava o mesmo: eu era culpada por todas essas violências! Decidi que não queria envelhecer junto com aquela pessoa que me fazia tão mal! Insisti na separação. E ele pegou uma arma e ameaçou me matar e cometer suicídio. Só consegui me desvencilhar desse casamento em 2011.

Tinha terminado o supletivo e queria entrar na faculdade. Também havia feito um curso de cabeleireira e passei a atender as clientes em casa. Entrei com um processo na justiça para ele pagar a pensão das nossas filhas. Eu fiquei com elas na casa, mas ele conseguiu o direito de usar parte do terreno para a oficina mecânica dele.

Em 2013, me casei de novo. Mas ele continuou a me atormentar. Quebrou as regras do acordo judicial, entrava em casa quando queria e, certo dia, numa discussão acalorada, levei dois socos no rosto. Tudo isso na frente da nossa filha de 10 anos. Meu marido me defendeu e fizemos denúncia contra ele, mas, por medo, tivemos que ficar um mês fora de Brasília e perdemos o emprego.

Desenvolvi síndrome do pânico. Vivia apavorada. Foi quando encontrei a Casa da Mulher, que me ofereceu tratamento psicológico. Ali, cheguei à conclusão de que deveria voltar à ativa, que tinha competência. Foi na Casa da Mulher que soube do programa do Senado que reserva 2% das vagas de contratos com empresas terceirizadas para mulheres que sofrem violência doméstica. Eu me inscrevi, passei na entrevista e consegui o emprego.


Quando a justiça me autorizou a vender o imóvel, meu ex-marido arrombou a casa, colocou todos os meus bens, inclusive documentos e fotografias, em um caminhão e fugiu. Fiquei tão apavorada que saí de lá durante a noite, escondida.

Hoje, não informo a quase ninguém onde moro. Aos poucos, compro os bens que perdi. Estou reconstruindo minha vida.

Histórias como a minha são muito difíceis de contar. Mas é importante compartilhar. Muitas mulheres não conseguem superar esse trauma. Mas temos que seguir em frente e fazer pelos outros o que não fizeram por você: ajudar, prestar apoio, encorajar! Quando falo sobre a minha vida, não é para que sintam pena. Dói muito, mas me orgulho de ter enfrentado tudo e de ter me tornado uma pessoa com empatia, que se preocupa com o sofrimento alheio. Não me tornei o monstro que meus violentadores queriam que eu fosse! Perdoe-me por escrever essa longa mensagem. Gostaria que a senhora entendesse como esse emprego é importante para mim, o quanto eu sou grata por essa oportunidade. Minha vida mudou! Hoje tenho orgulho da minha profissão, sinto-me mais plena, segura, capaz e digna. Durmo tranquila e vejo um futuro bem melhor para mim e para a minha família. Obrigada, obrigada...

Liliane Luiza (Lia)





Criação de rede de comitês de equidade no setor público é debatida

Pelos menos 40 representantes de órgãos públicos federais reuniram-se, em 22 de março, para discutir a criação de uma rede de comitês pela promoção da equidade de gênero e raça, unindo iniciativas semelhantes dessas diferentes organizações. Entre outros órgãos, estiveram representados Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), Ministério de Minas e Energia, Banco Central e Tribunal de Contas da União (TCU). O encontro fez parte da programação do Março Mulheres, uma iniciativa do Senado em parceria com a Câmara para celebrar o Mês da Mulher.

Na reunião, a diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, salientou que o intuito é organizar “uma rede inter-institucional na administração pública federal”. Ela recordou ainda a experiência do Senado com a Câmara e o TCU na criação de duas redes, a de inclusão e acessibilidade e a de sustentabilidade. Também relatou o caso de sucesso da criação do Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal, em 2015, e da elaboração do Plano de Equidade de Gênero e Raça, em 2019. Citou ainda, entre outros avanços ocorridos na Casa, a alteração realizada no Regimento Interno para a criação de uma liderança da bancada feminina, ocupando assento no colégio de líderes da Casa.

No momento de realização do encontro a coordenadora do Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça do Senado era Dalva Moura. Segundo ela, “a ideia é que as instituições pensem em formas de, em conjunto, desenvolverem e executarem projetos voltados à promoção da igualdade de raça e gênero”.



Adesão formal - A diretora-geral do Senado propôs que sejam enviadas a esses órgãos públicos propostas de adesão formal à nova rede, e, ainda, a formação de um comitê para apresentar um plano de trabalho visando a constituição desse consórcio em torno da promoção da equidade de raça.

No encontro foram relatadas as diferentes experiências, dentro de cada instituição, na implantação de comitês pró-equidade. Embora a participação na reunião não implicasse adesão mandatória dessas instituições à rede, houve concordância unânime em relação aos benefícios da criação de um grupo formal que ajude a disseminar no serviço público práticas que levem a avanços na questão da equidade.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Envolvimento dos Três Poderes - Márcia Alves de Figueiredo, do Ministério de Minas e Energia, definiu a conversa como dinâmica e enalteceu a oportunidade de todos conseguirem expressar sua opinião acerca da proposta: “Isso é muito importante para a construção de algo tão relevante e robusto, não só pelo tema, mas por envolver várias entidades públicas dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário”.



Adriana Tostes, coordenadora de Gestão Estratégica e Sustentabilidade do TJDF, diz que o convite para participar da roda de conversa foi recebido com empolgação e elogiou o nível da discussão: “*Destaco a participação da diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, com o seu conhecido perfil de gestão inovadora, e a conselheira Ivana Farina, à frente da atuação do Conselho Nacional de Justiça. Percebemos que o alto nível do debate levantou os principais pontos a serem enfrentados*”.

VOLTAR | INÍCIO



Para Simone Fernandes Cosenza, supervisora do Núcleo de Inclusão do TJDF, a criação da rede possibilitará rica troca de experiências e execução de ações coordenadas em busca de um objetivo comum: a igualdade de gênero e racial na administração pública. Segundo a servidora, a tendência é que todos os órgãos envolvidos cresçam juntos, favorecendo a mudança do modelo mental e da cultura organizacional existente com relação às discriminações por conta de gênero e raça.

— *Além disso, a implementação da Rede de Equidade é a aplicação prática do entendimento de que a diversidade, inclusive no que diz respeito a diferentes organizações trabalhando juntas, propicia o sucesso em decorrência do aproveitamento construtivo das pluralidades características de cada organização* — concluiu.

AVANÇAR

Agenda 2021 traz ilustrações de artistas plásticos negros contemporâneos

No início deste ano, a Diretoria-Geral (DGer) lançou mais dois produtos sintonizados com o compromisso institucional da Casa com a promoção da equidade racial. Trata-se do calendário, estampado por reconhecidos ativistas da luta pela igualdade, e da agenda 2021, que é ilustrada com trabalhos de artistas plásticos negros contemporâneos. São obras que valorizam a ancestralidade, a cultura e a história da população negra.

Tradicionalmente, a agenda é distribuída para senadores, diretores e coordenadores da Casa. Desta vez, o propósito foi garantir visibilidade aos artistas negros, com suas temáticas e causas expostas nos trabalhos, explicou Daniel Pinto, subchefe de gabinete da DGer no período de elaboração da agenda e responsável pela coordenação da produção do material, em conjunto com o Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça.



— *A ideia também foi destacar a importância da equidade racial nos espectros social, institucional e organizacional. Isso está alinhado com a Carta de Compromissos da Casa no que diz respeito à temática de equidade. O objetivo foi dar essa visibilidade e trazer à tona essas discussões tão importantes* — disse.

Segundo Daniel, do ponto de vista da execução, o trabalho contou com a participação e envolvimento relevante do time de equidade, por meio do contato e do convite aos artistas para participarem do projeto.

— *A seleção buscou contemplar artistas que trouxessem em seus trabalhos um pouco dessa cultura negra e da questão relacionada à igualdade racial.*



Alberto Pereira | Obra: Sobre olhar ao inverso, 2019



Para os artistas que participaram da iniciativa, como o carioca Alberto Pereira, a sensação é de *“desenhar a identidade do nosso povo e de participar da construção de uma autoimagem de quem nós somos enquanto brasileiros, e mais de 50% da população é autodeclarada afro-brasileira”*.



Para a piauiense Luna Bastos, fazer parte do material ao lado de artistas que admira representou algo especial: *“Como mulher negra, artista e nordestina, considero que é muito importante ocupar espaços e ressignificá-los”*.



Luna Bastos | Obra: Esperança 2020

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



Racismo em pauta – No caso do Calendário 2021, cada mês é ilustrado por um expoente de ativistas negros da luta pelo fim da discriminação racial . O mês de janeiro, por exemplo, trouxe Martin Luther King, um dos principais defensores da mudança social não violenta do século XX. No mês de maio, o destaque é para Maria Firmina dos Reis, a maranhense tida como primeira romancista brasileira e que escreveu Úrsula, considerado o primeiro romance abolicionista e escrito por uma mulher negra no Brasil.

Em outra iniciativa, o Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça do Senado Federal abriu, no mês passado, chamada para submissão de artigos para o projeto Racismo em Pauta 2021. A ação é tocada pelo Grupo de Afinidade de Raça, em parceria com a Secretaria de Comunicação Social (Secom).



VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Qualquer colaborador do Senado pode contribuir, em especial com trabalhos ligados ao enfrentamento do racismo estrutural. Os artigos deverão ser encaminhados para o e-mail comitegenero@senado.leg.br e os selecionados serão publicados na Intranet ao longo do ano, após edição para adequação aos padrões do Manual de Comunicação da Secom.



RACISMO EM PAUTA

Entre outras ações, o projeto Racismo em Pauta tem divulgado entrevistas com colaboradores negros atuantes na Casa; conteúdos especiais em efemérides relacionadas às questões raciais; material para mídias sociais, a fim de combater o uso de expressões racistas; e uma série de artigos na Intranet.

O projeto consta no Plano de Equidade de Gênero e Raça (2019/2021) e busca reforçar valores já trabalhados na Casa, como respeito, diversidade e inclusão social: *“O projeto tem sido fundamental para pensarmos as causas estruturais do racismo brasileiro, que é peculiar e se diferencia, portanto, de seus análogos em outros países”*, afirmou o consultor legislativo Henrique Salles Pinto, novo coordenador do Grupo de Afinidade de Raça do Comitê.



Excelência mantida – De acordo com Henrique, o GT de Raça está mobilizado para manter, em 2021, a qualidade das ações realizadas ao longo de 2020. Na visão dele, “*é preciso manter o alto nível das nossas estratégias*”. Ainda segundo o coordenador, o principal efeito da criação do GT diz respeito à progressiva conscientização dos colaboradores do Senado sobre as causas e as consequências do racismo estrutural brasileiro.

— *Creio que outra conquista importante relaciona-se com a possibilidade de conhecermos pessoas de diferentes setores da Casa, tem sido muito salutar aumentar a rede de contatos profissionais por meio das atividades do grupo* — disse.

A expectativa do Comitê é que em breve seja criado um curso a distância sobre racismo estrutural, em parceria com a Fundação Zumbi dos Palmares. “*A Diretoria-Geral do Senado tem sido muito importante nesse processo, continuaremos a trabalhar juntos para que, no mais curto tempo possível, esse curso seja lançado*”, informou Henrique.

Esse tipo de iniciativa, na opinião do coordenador do GT, pode mudar um cenário ainda desfavorável na ocupação de vagas no serviço público. É que, como salienta Henrique Pinto, apesar de o Brasil ser um país multirracial, essa realidade não é refletida em postos de comando, públicos ou privados.

— *Nesse contexto, iniciativas sobre representatividade são bem-vindas e devem ser estimuladas, a fim de que mais pretos, pardos, indígenas e demais brasileiros não-brancos também tenham protagonismo em nossa sociedade. Essa é uma das missões do nosso GT, vamos trabalhar para cumpri-la.*





Servidores que se declaram pretos ou pardos

.. **EFETIVOS** **COMISSIONADOS** ..

Pardos: 426

Pretos: 66

TOTAL: 2490

Pardos: 647

Pretos: 118

TOTAL: 3557

VOLTAR

DGER.COM

INÍCIO

ACESSIBILIDADE

[INÍCIO](#)

[DGER.COM](#)

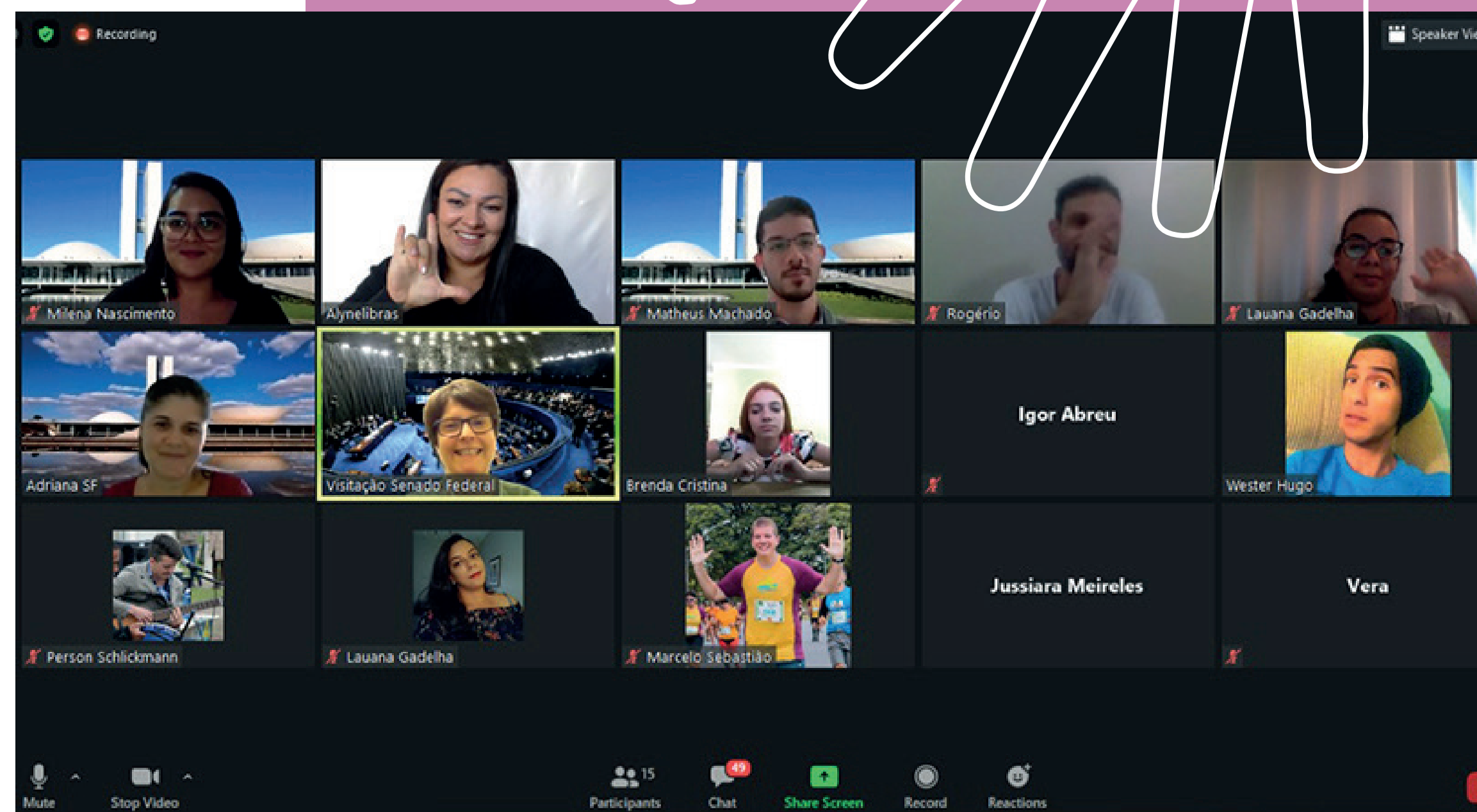
[AVANÇAR](#)

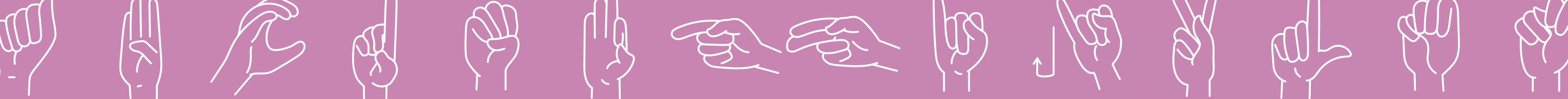
SURDOS APROVAM VISITA VIRTUAL GUIADA E PEDEM TOURS REGULARES

O estudante de mestrado Rogério Feitosa Oliveira é surdo, mora em Brasília, trabalha no Departamento de Estradas de Rodagem (DER) e é professor de Libras, a Língua Brasileira de Sinais. Em meio a tantas atividades, Rogério separou um tempo em dezembro, no dia 17, para conhecer um pouco mais da história do Senado e do Brasil.

Ele foi um dos 15 surdos de um total de 35 participantes da primeira visita virtual guiada com tradução simultânea realizada no Senado. Após o tour, Rogério confessou-se encantado, especialmente pela história da Casa e pela passagem, por ela, da princesa Isabel, retratada em um quadro de Victor Meirelles, no plenário do antigo Senado, prestando juramento à Constituição, o que lhe permitiria substituir o pai D. Pedro II em suas ausências.

— *Sou aluno de mestrado, mas em toda minha vida não havia conhecido alguns detalhes da nossa trajetória política, o que consegui hoje, através dessa interpretação, numa visita guiada acessível — ressaltou Rogério, que promete voltar para uma visita presencial, assim que a pandemia deixar de ser um impeditivo a esse tipo de programa.*





Entre os intérpretes que atuaram nessa experiência inédita, a professora de Libras Alyne Pacífico reconhece que a visita virtual não substitui a presencial: *“quando estamos fisicamente reunidos, podemos receber mais facilmente o feedback do visitante, que também pode tocar nas obras, perceber a espessura, tirar dúvidas, e, com isso, entender melhor o contexto”*. Assim mesmo, ela aplaudiu a iniciativa e fez coro aos visitantes surdos, que pediram o agendamento regular desse tipo de ação.

Rogério Feitosa chegou a dar uma dica de marketing à Casa: *“O Senado deveria divulgar mais esse tipo de iniciativa, inclusive em Libras, em mídias específicas, para possibilitar que surdos de todo o país possam conhecer melhor nossa riqueza histórica e, ao mesmo tempo, sentirem-se acolhidos, incluídos”*.



Gestora da Coordenação de Visitação Institucional (Covisita), na época em que a ação foi realizada, Marília Serra Monteiro acompanhou o evento pioneiro e conta que o passeio aconteceu pela plataforma Zoom em que as perguntas dos participantes foram traduzidas pelos intérpretes.

— *Fiquei muito emocionada ao ver o interesse dos visitantes surdos. Acho super importante promover a acessibilidade também neste momento em que estamos com as visitas presenciais suspensas devido a covid-19* — disse Marília.

Para a professora de Libras, Lauana Gadêlha, de Brasília, a vivência foi marcante: “*Gostei muito! Eu não conhecia essas histórias do Império. Muito bom a gente ter acesso a todas essas informações. Parabéns pela iniciativa*”.

A Coordenação, ligada à Secretaria de Relações Públicas e Comunicação Organizacional (SRPCO), colocou no ar um **link** pelo qual é possível agendar visitas virtuais com a narração da equipe de Visitação. Já as demandas de grupos podem ser resolvidas pelo e-mail: **visite@senado.leg.br**

Marília Serra anunciou outra novidade acessível: em breve, os visitantes cegos terão acesso ao conteúdo do tour com audiodescrição, por meio da página **congressonacional.leg.br/visite**. E, dado o sucesso da visita virtual, a ideia é que, após a pandemia, essa opção seja mantida entre os produtos da Secretaria, sobretudo para escolas e universidades de todo o país e também do exterior que desejem incluir o conteúdo em suas aulas.



VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Responsáveis por pessoas com espectro autista compartilham vivências

“Eu sou mãe de um menininho que é muita coisa: criativo, doce e dono do coração mais generoso do mundo. Entre tantas características, ele também é autista”. A frase é da

jornalista e servidora do Senado Milena Galdino, mãe de uma criança diagnosticada aos oito anos de idade, depois de uma série de avaliações de especialistas, exames e de mapeamento genético. Histórias semelhantes às da Milena não são difíceis de encontrar. No Distrito Federal, a estimativa é de que pelo menos 13 mil pessoas façam parte desse grupo.



Com o intuito de alertar sobre a importância de acabar com o preconceito sobre essa condição, em 2 de abril é celebrado o Dia Mundial de Conscientização do Autismo. No Senado, há alguns anos, a cúpula tem sido iluminada na cor azul para ressaltar a data.

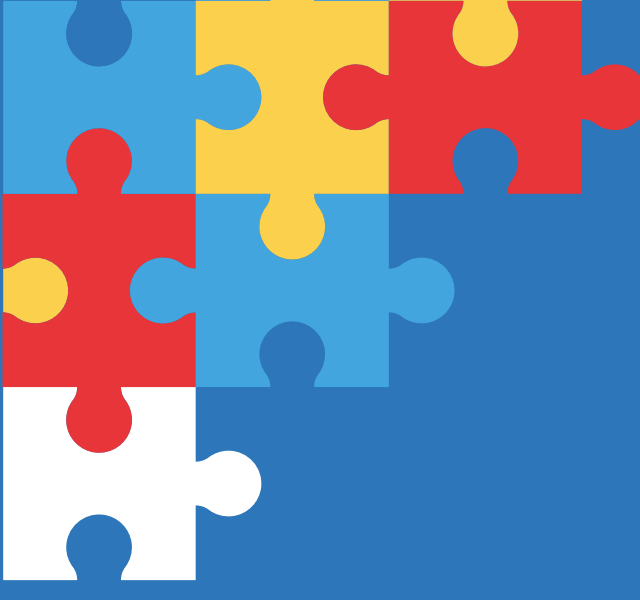
Na política pessoal e na prestação de serviços administrativos, no entanto, a preocupação da Casa ocorre em tempo integral, por meio das iniciativas implementadas para servidores que têm dependentes autistas e do atendimento a pessoas com os transtornos do espectro.

2 de abril
Dia Mundial de
Conscientização do Autismo

VOLTAR | **INÍCIO**

DGER.COM

AVANÇAR



Uma das conquistas para quem tem a condição ou é responsável por alguém com TEA veio em 2016, com a sanção da Lei 13.370/2016, de autoria do senador Romário (Podemos-RJ).

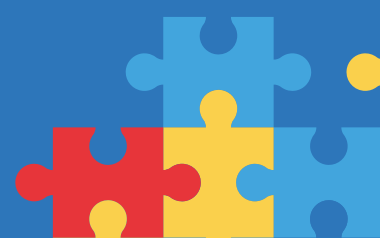
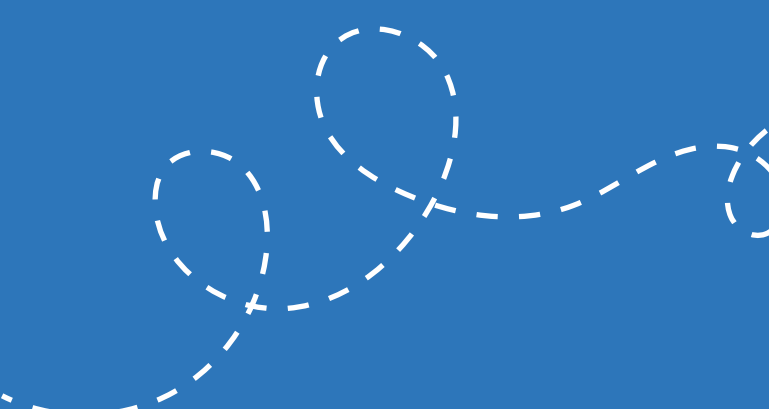
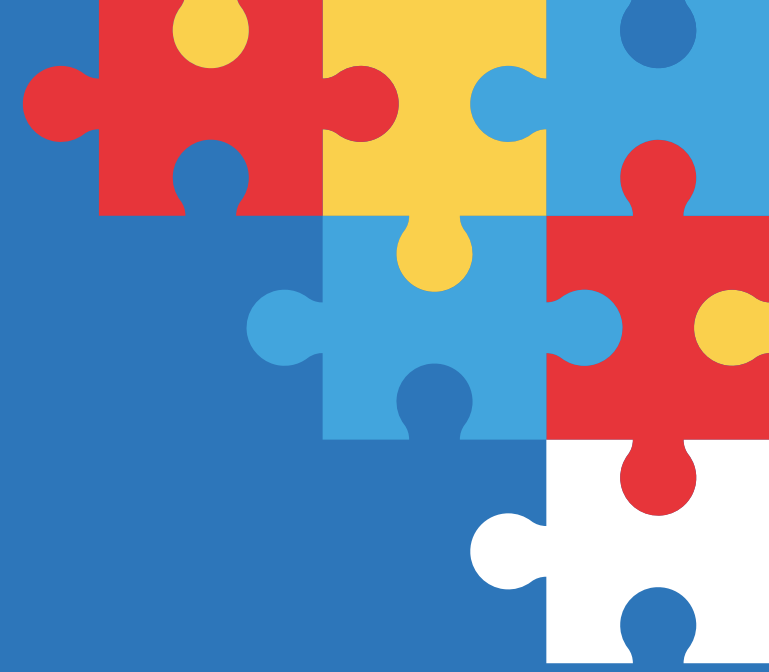
Ela assegura a redução de jornada de trabalho, sem necessidade de compensação, a servidores públicos com deficiência ou que tenham dependentes nessa situação.

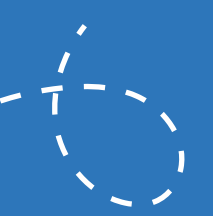
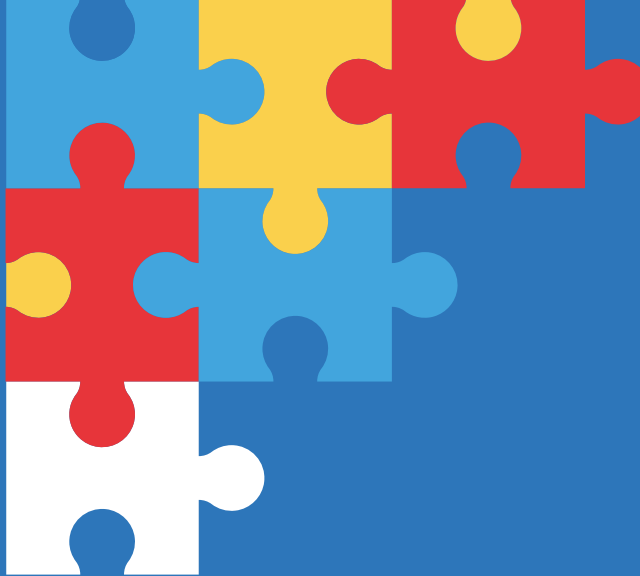
Por aqui, essa regra já valia antes mesmo da aprovação da lei. Milena, que atua como assessora de imprensa do Sistema Integrado de Saúde (SIS), é uma das servidoras que faz uso desse benefício. De acordo com ela, a solicitação ocorreu quando o diagnóstico do filho foi fechado.

— *Na época, eu e ele comparecemos diante de uma junta médica e narrei todo o esforço para, enfim, descobrir a condição genética que mostrava, entre outras questões, o fato de ele estar classificado no Transtorno do Espectro Autista no nível considerado leve, também anteriormente denominado como Síndrome de Asperger* — detalhou.

Milena explica que terapias e intervenções quando feitas na hora adequada e de maneira correta podem ser um diferencial especialmente na vida adulta, em termos de autonomia, independência e até preparo para um emprego, por exemplo.

— *O potencial da mente de uma criança sempre vai ser um mistério, o que ela pode alcançar e aprender é inimaginável. De uma criança dentro do espectro, essa incerteza é muito maior. Então, como mãe do Thomas, eu sempre me preocupei em dar, desde o primeiro dia do diagnóstico, todas as ferramentas possíveis para que ele cresça e vença os desafios* — disse.






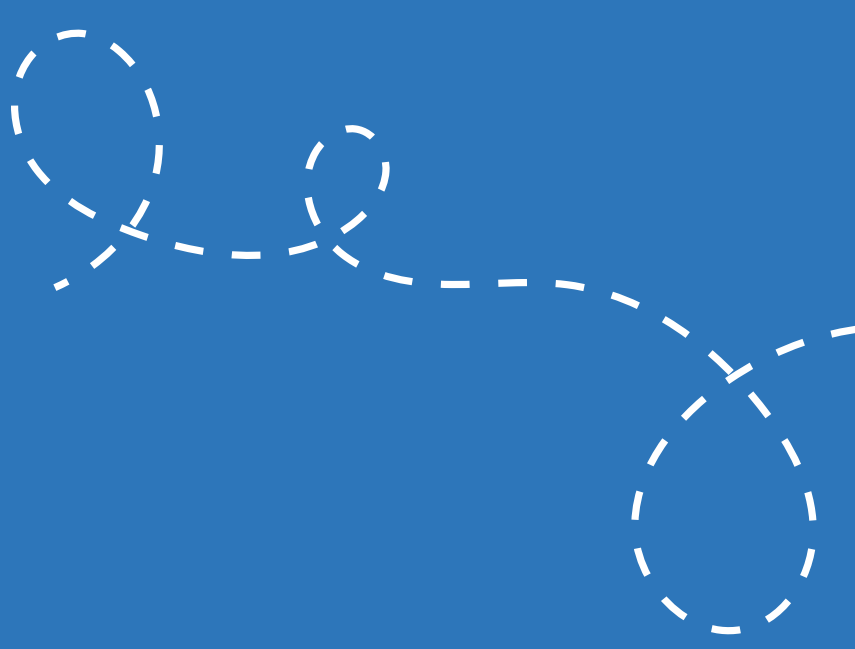
Rede de apoio — Milena destaca que as parcerias para o bem-estar do filho são muitas e de suma importância. Passam por essa lista o pai da criança, a família, professores, terapeutas, médicos e pesquisadores: *“Mas costumo dizer que meu grande aliado é o horário especial, porque essas duas horas por dia eu revento para levá-lo para natação e ginástica de solo. Todo esse auxílio requer tempo, e eu sou muito grata ao Senado por estar dando esse tempo a mais que meu filho precisa de mim”*.

Com a pandemia, algumas das atividades da criança precisaram ser pausadas. Isso porque, de acordo com a servidora, o filho tem uma condição genética rara: a duplicação do último par de cromossomos. Por isso, as instituições de pesquisa desse tipo de cromossomopatia dos Estados Unidos instruíram a tratá-los como grupo de risco.

— *Uma vez que na primeira infância eles sofrem muito com asma/bronquite e porque o vírus já é uma incógnita para quem tem 46 cromossomos, o que dirá para quem tem 48. Então, continuamos com a psicóloga (em um bom período on-line) e contratamos um professor para a natação. As aulas on-line da escola foram bem duras para mim, pois passei a ser a professora dele* — disse.



A raridade da síndrome do filho fez com que Milena criasse um espaço para compartilhar informações. Para acompanhar conteúdos da servidora sobre a cromossomopatia, acesse o site 48xxyy.com.br. Segundo ela, é a única página escrita em língua portuguesa sobre essa condição genética.




VOLTAR | INÍCIO




DGER.COM

AVANÇAR



Tempo para dedicação — A servidora Lya Viégas Passarinho, da Secretaria de Comunicação Social (Secom), que é mãe de Vitor, de 11 anos, garante que *“acompanhar o filho com deficiência é mais que um benefício, é um direito de proporcionar à criança fazer todos os acompanhamentos necessários para o melhor desenvolvimento, superação de dificuldades e estímulos essenciais para uma vida mais digna”*.

— *Sem os acompanhamentos e os tratamentos, sem os cuidados da família, a criança autista deixa de ter a oportunidade de superação de barreiras importantes para o convívio social, para um desenvolvimento educacional mais apropriado e para um futuro com mais oportunidades* — declarou.



Com a necessidade de distanciamento social, Lya diz que o ponto positivo foi passar mais tempo com o filho e, assim, ter a oportunidade de oferecer todo o suporte necessário: *“Eu tenho a oportunidade de ver meu filho como aluno, de estar presente com ele e ver as reais dificuldades que ele tem no aprendizado”*.

VOLTAR | INÍCIO



AVANÇAR



O que é o TEA, possibilidade de jornada especial e auxílio pré-escolar

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve condições marcadas por perturbações do desenvolvimento neurológico, o que se traduz na dificuldade de relacionamento social. Entre as características, que podem ou não ocorrer juntas, estão dificuldades de comunicação e de socialização e padrão de comportamento repetitivo e restritivo.

Para que um servidor ou servidora solicite a jornada especial, Amanda Rodrigues, chefe

do Serviço de Direitos e Deveres funcionais, explica que o interessado deve preencher o formulário solicitando o benefício, cadastrar no Sistema de Gestão Arquivística de Documentos (SIGAD) e anexar a documentação comprobatória da deficiência do dependente para análise da Junta Médica do Senado, a quem cabe emitir o laudo. Ao todo, 13 colaboradores utilizam a jornada especial.

— *Outro ponto específico é o auxílio pré-escolar, que é concedido aos dependentes na faixa etária compreendida desde o nascimento até o mês em que completam 6 anos. Contudo, no caso dos dependentes portadores de alguma deficiência, é considerada como limite para atendimento a idade mental correspondente à faixa etária prevista no parágrafo anterior, comprovada mediante laudo médico expedido pela Junta Médica do Senado Federal* — salientou.

Amanda lembra ainda as novidades trazidas pelo Ato do Primeiro Secretário 2/2017 sobre essa temática: “Sabemos que os servidores ocupantes de qualquer função devem cumprir jornada comum (8h), mas o ato excepcionaliza algumas situações, dentre elas o servidor portador de deficiência, ou com cônjuge, filho ou dependente nessa condição, ou seja, o servidor pode ocupar função, mesmo com a jornada reduzida. Normalmente, nesses casos, ele perderia a função”.



Direitos de pessoas com TEA

Dia do Orgulho Autista

O Plenário do Senado aprovou, em junho do ano passado, o projeto que define 18 de junho como Dia Nacional do Orgulho Autista (**PL 3.391/2020**). A data foi fixada em 2005 pelo grupo *Aspies for Freedom* (AFF), dos Estados Unidos, e é celebrada em vários países. O senador Romário, que também assina esse projeto, acredita que a oficialização do dia vai dar mais visibilidade à causa.



Credencial de estacionamento

Há pouco mais de um ano, o Departamento de Trânsito (Detran-DF) lançou a Credencial de Estacionamento para Autista. Com o documento, essas pessoas terão um modelo especial para identificação do veículo, diferentemente do que ocorre em outros estados do Brasil. A nova credencial traz o símbolo universal do autismo – um laço com estampa de quebra-cabeças – e dobrou a validade para 10 anos.

Educação

A rede pública de ensino do DF oferece atendimento especializado a cerca de 3,5 mil estudantes com TEA em escolas inclusivas da rede pública, com atendimento em sala no horário contrário ao turno de aula regular.

Carteira especial

Em setembro do ano passado, entrou em vigor a Lei Distrital nº 6.642, de 21/07/2020, que dispõe sobre a instituição da Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea). O documento terá validade de cinco anos e dá ao portador acesso prioritário aos serviços públicos e privados.

Fonte: Governo do Distrito Federal




COMUNIDADE

INÍCIO

DGER.COM


AVANÇAR



Enquanto celebra conquistas, Liga do Bem mira novas ações

Prestes a concluir o primeiro semestre, o time da Liga do Bem traça planos para os próximos meses, sobretudo para ampliar o suporte a parcelas mais necessitadas da população. Mas o grupo voluntário formado por servidores do Senado e fortalecido pelos chamados Amigos da Liga, tem muito o que comemorar.

Para a coordenadora Patrícia Seixas, é indescritível a sensação de relembrar a quantidade de pessoas que foram ajudadas e a infinidade de sorrisos recebidos pelo grupo. Por isso, ela confessa que olhar fotos de ações passadas é algo que desperta sentimentos de emoção e gratidão.



— *É um trabalho de equipe, de parceria e amor. Recebemos pedidos de pessoas que querem participar da Liga e esse relacionamento com a comunidade nos trouxe muitos amigos. Amigos mesmo! Tem preço? Não, não tem! Isso é um presente de Deus!* — relatou a servidora.



VOLTAR | INÍCIO



AVANÇAR

Sobre as ações, diversificação tem sido cada vez mais a palavra de ordem. São inúmeras frentes e grupos a serem auxiliados.

Para isso, é importante pensar em novos projetos, além de “recalcular” a rota constantemente. Com o agravamento da pandemia, uma das recentes mudanças foi o adiamento do retorno da campanha Paredes do Bem, cujo objetivo é revestir lares com lâminas térmicas [de caixas de leite longa vida] que reduzem o impacto do frio daqueles que mais sofrem no inverno.

VOLTAR | INÍCIO



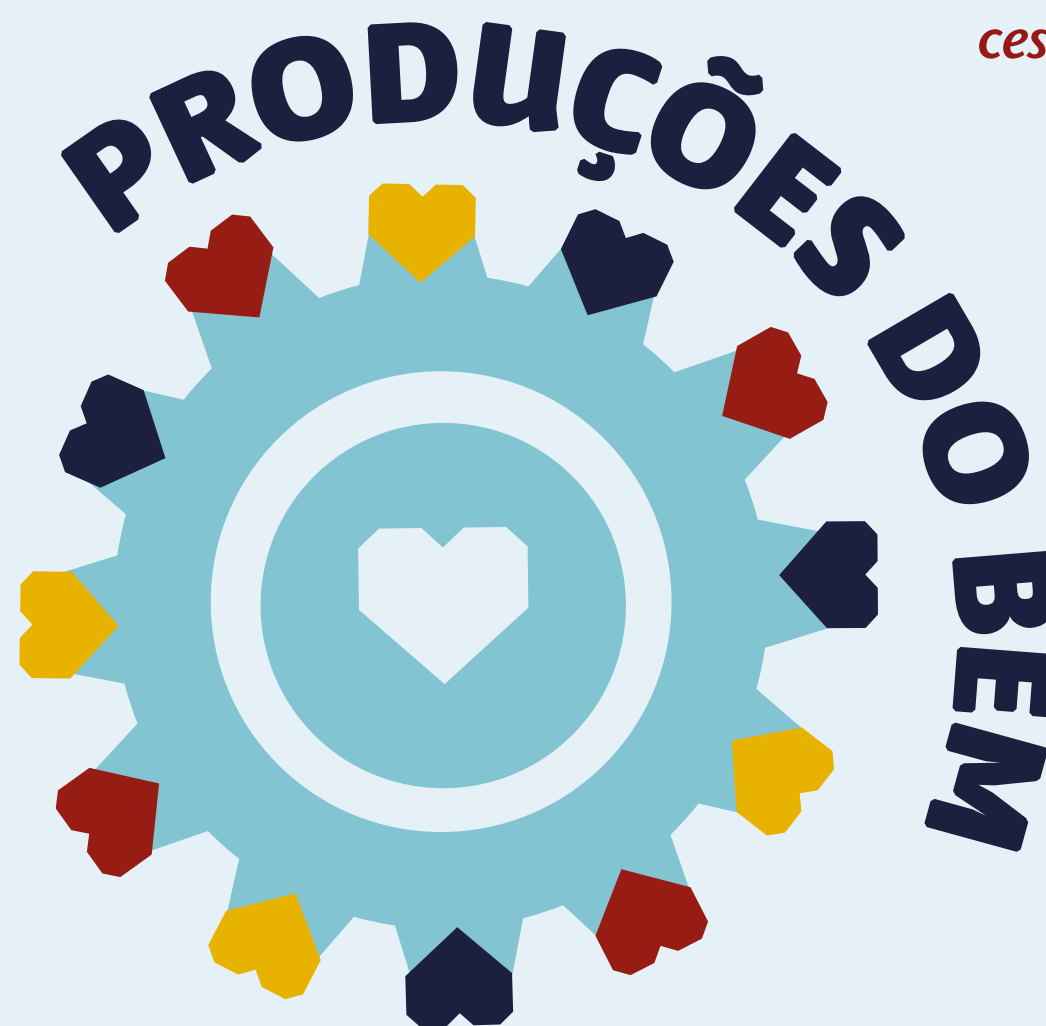
— *O retorno do projeto estava previsto para fevereiro, mas suspendemos por conta do momento mais grave da pandemia. Retornamos em abril com o 11º revestimento, feito em uma escolinha do acampamento Dorothy, próximo a Sobradinho. Há várias outras casas na fila, mas antes precisamos garantir a segurança dos voluntários* — ponderou Patrícia.

AVANÇAR



Outra iniciativa que voltou a figurar na programação da Liga foi a da Máscaras do Bem, que estava suspensa desde que houve a produção e a doação de oito mil máscaras de proteção facial caseiras em tecido, todas de acordo com as recomendações do Ministério da Saúde. Agora, segundo Patrícia, estão sendo confeccionadas cerca de 700 máscaras.

— *Fizemos uma parceria com o projeto Mais Amor. Eles conseguiram o tecido. E a Liga está entrando com as costureiras, com a logística das máscaras, com o elástico e com a linha* — explicou.



DGER.COM

Mais uma ação que segue a todo vapor é a da Produções do Bem, cujo objetivo é doar faixas e bandanas para mulheres e crianças em tratamento contra o câncer. Segundo Patrícia, por meio das vendas do Brechó do Bem, são angariados fundos para as demais iniciativas da Liga.

— *Mais uma mudança é que, neste ano, não tivemos uma campanha de Páscoa. Preferimos doar os chocolates para cada lavador e engraxate que trabalha no Senado. Além disso, melhoramos as cestas e colocamos chocolates para cada um deles* — explicou a servidora.



VOLTAR | INÍCIO

AVANÇAR

CAMPANHA DO AGASALHO

E para os próximos meses? Com a chegada do inverno, no mês que vem, deve cair a temperatura, o que faz crescer a preocupação com os grupos mais vulneráveis. Por isso, assim como ocorre desde 2016, a Liga se prepara para mais uma Campanha do Agasalho.

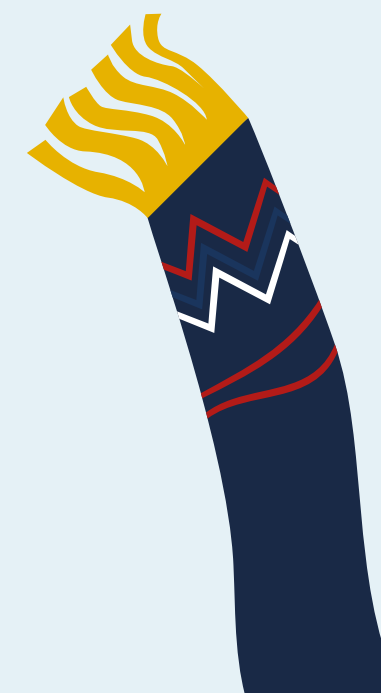
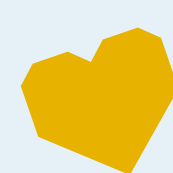
— *Já começamos a comprar cobertores. As crianças portadoras de alguma comorbidade também estão no foco por meio do Liguinha do Bem.*

De acordo com a coordenadora, a ideia é fortalecer esse grupo e fornecer alimentos e pomadas aos pequenos.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR





REPAROS DO BEM

— Nosso objetivo é presentear as crianças em seus aniversários. Estamos pesquisando um kit festa de acordo com o que cada uma pode comer. Outra meta é conseguir a cirurgia de olhos da dona Lourdes, uma senhora em situação de vulnerabilidade que vem sendo assistida pela Liga.


De acordo com Patrícia, há a expectativa de que no segundo semestre seja possível ampliar o projeto Reparos do Bem, que realiza intervenções físicas nos lares dos assistidos. Isso porque foi firmada uma parceria com o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), que vai doar para a Liga materiais em bom estado de conservação que sobraem de algumas obras.





VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR




Ninguém solta a mão de ninguém – Para a aposentada Sandra Vilela, integrante do grupo Amigos da Liga, a solidariedade é capaz de transformar comunidades e apontar esperança: *“Mostramos a elas que não estão sozinhas nesse barco à deriva. Que nossas mãos aquecem, confortam e levam alimentos, o da sobrevivência e o humanitário – o amor. É primordial, é necessário, é urgente surgirem mais ações em prol do outro”*.



Artesã e encadernadora há 17 anos, Sandra decidiu fazer uma rifa de três cadernos produzidos por ela. O objetivo? Arrecadar fundos e alimentos para o Grupo G10 favelas e para os atendidos pela Liga do Bem. Com os valores levantados, foi possível comprar 120 cestas básicas.

— *Foi um sucesso, conseguimos atingir com louvor nosso objetivo e já estou pensando na próxima ação* — disse.





Entre fevereiro e março, 103 cestas básicas foram doadas para os lavadores e engraxates da Casa

Em março, foram doados 15 pacotes de fraldas para o Projeto Embalando Sonhos

Também foram encaminhadas verduras e 39 caixas do complemento alimentar Nutren Sênior para o Instituto do Câncer

Foram doados 20 pacotes de fraldas e quatro latas de Pediasure 400 gramas para entidade APNEP Ceilândia

Cinco pacotes de fraldas, 12 litros de leite e uma cesta básica foram doadas para o menino Yan. Além disso, o andador foi doado para o Benjamin, ambos beneficiados pela Liguinha do Bem

VOLTAR

DGER.COM

INÍCIO

CORONAVÍRUS

INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



MÃES DO SENADO COMPARTILHAM SUAS VIVÊNCIAS NA PANDEMIA

No último dia 9, comemoramos mais um Dia das Mães atípico, para muitos sem abraços e longe de uma boa aglomeração familiar de domingo. Diante de um cenário desafiador, como o da pandemia, o amor materno pode ser vivido e apresentado de várias formas. E, para marcar essa data, conversamos com algumas servidoras da Casa para falar sobre as vivências dos últimos 14 meses e perspectivas para o futuro.

Mãe da Maitê, de cinco anos, e do Pedro, de quatro, a servidora **Melina Pappas Arruda**, do gabinete da senadora Mara Gabrilli, conta que já se adaptou à tarefa de “se virar nos trinta”.

— *Claro que não foi e não é fácil. Mas sempre tento tirar forças pensando no lado bom de tudo isso: a oportunidade de ficar mais perto dos meus filhos. Essa é a base da minha energia. Inclusive, é a motivação para seguir em isolamento. Já fiz reuniões com filho no colo, com o som da briga dos dois ao fundo. Já assisti às sessões dando jantar. A gente vai se virando* — disse Melina.

Rede de apoio — A servidora Vivian Ferreira de Sousa Horta, do gabinete do senador Confúcio Moura, relata que dois fatores fizeram diferença nos últimos meses: planejamento da rotina e apoio dos avós do filho Bernardo, de dois anos e oito meses. Segundo ela, cada dia tem seus próprios desafios, mas o caos inicial foi sendo contornado.

— *A cada 15 dias, o Bernardo passa um tempo com os avós. Essa rede de apoio se tornou essencial. Além disso, nosso gabinete, em especial, soube lidar com isso muito bem. As reuniões, por exemplo, geralmente ocorrem em horários específicos, de forma que fique bom para todos* — salientou.



Porém, nem tudo são flores. Vivian afirma que já houve situações em que, enquanto participava de reunião virtual, o filho a chamava para brincar ou fazia uma “birra”, comportamento que boa parte dos pais e mães conhece bem.

— Manter os cuidados do Bê e conciliar o trabalho não foi fácil. Fazer comida, trocar fraldas, horário de banho. Hoje percebo que tudo se tornou mais leve. Levanto todos os dias e digo: eu posso e eu consigo! Sempre há um dia difícil, mas não impossível — destacou.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



E para quem continuou no presencial? – Mariana Isabel Gonçalves, do Serviço de Emergência, conta que, apesar de seus horários de expediente permanecerem os mesmos, conciliar a rotina profissional às aulas virtuais das filhas, de 11 e sete anos, exigiu uma adaptação familiar. É que, antes da pandemia, as pequenas frequentavam a escola no período em que a mãe estava no Senado. A partir da crise sanitária, a solução foi contratar uma pessoa para ajuda-las com a parte tecnológica do ensino a distância.

— *Quando eu chegava em casa elas sabiam que não poderiam me abraçar, tinham que esperar eu tomar banho primeiro, mas a hora do abraço é super gostoso porque quando eu saía do banho elas vinham correndo me abraçar* — disse.

Mesmo atuando na área da saúde, Mariana relata que não precisou ficar afastada fisicamente das filhas, graças ao cuidado que o Senado tem tido com os colaboradores que precisam permanecer no trabalho presencial: *“A Casa tomou todas as medidas de segurança para nos proteger. Não estamos atendendo pessoas com covid-19 porque temos o informativo via Whatsapp, tem o QR Code na hora de entrar, além do PCR que temos feito a cada 15 dias. São medidas que nos protegem bastante”*.

Desafios das mães de adolescentes – Com um filho biológico de 17 anos, o Victor, e uma enteada de 13, a Yasmin, a servidora Tarciane Silva de Araújo, do Serviço Médico de Emergência (Semed), diz que é preciso cuidar da parte física, psicológica e cognitiva dos jovens. Além disso, diminuir as interações pessoais dos filhos não tem sido fácil, já que a adolescência exige uma certa “manutenção das relações de amizade”, bem como o convívio em grupo.

— *Eles estão estudando a distância e a internet já não é um luxo; é uma necessidade. Orientar os filhos com relação ao uso dela e das redes sociais é algo imprescindível. Para o meu filho biológico, por exemplo, o momento mais difícil foi o começo da pandemia, quando ele foi orientado a não se encontrar com os amigos e, além disso, não podia ir à escola ou fazer atividade física em grupo.*

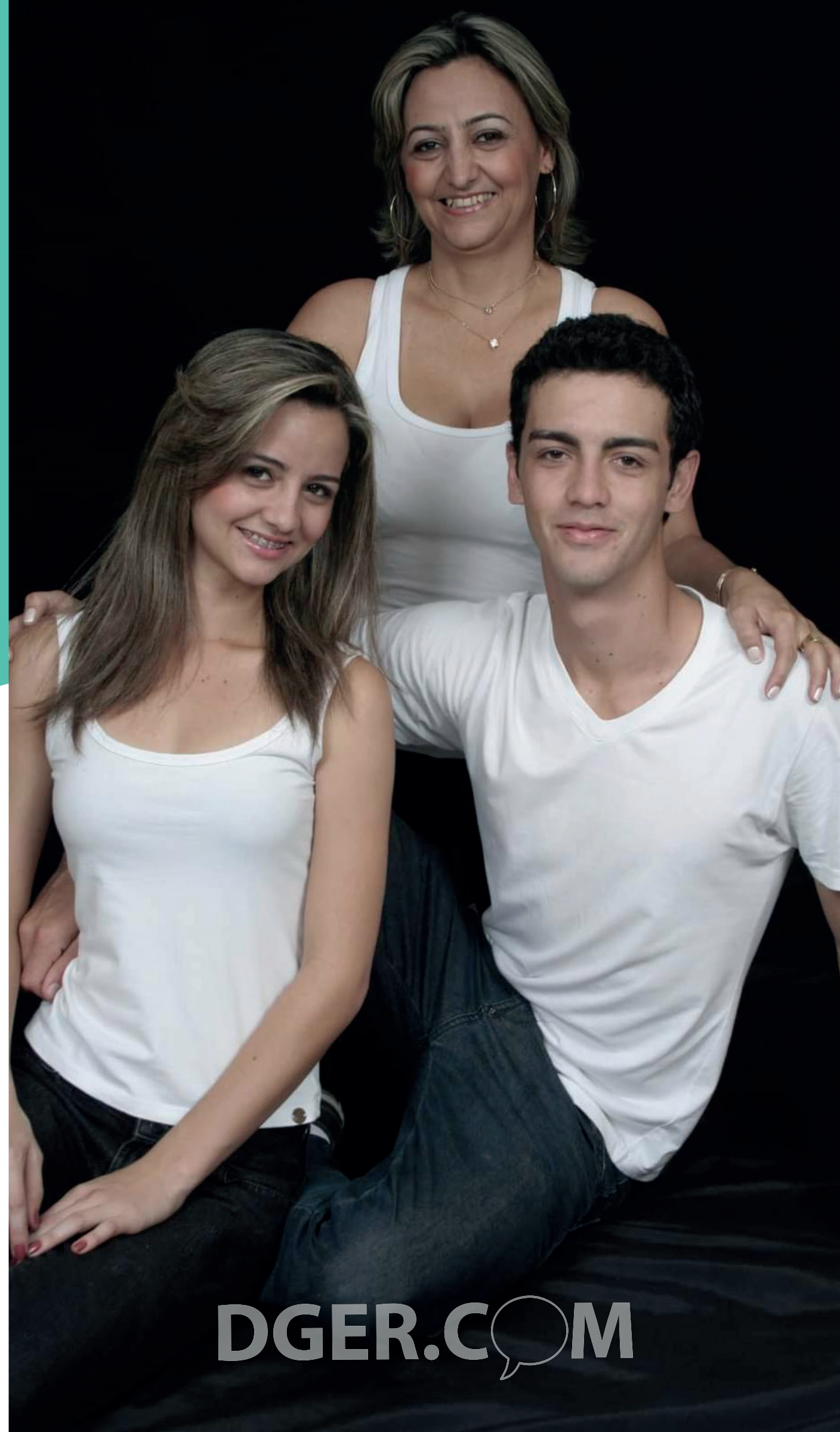
Segundo Tarciane, o isolamento prejudicou a interação deles, porém, ao mesmo tempo, ampliou a possibilidade de relacionamento por meio digital. Depois de tanto tempo, ele já está adaptado à modalidade EAD e aceita com mais facilidade a nova realidade.

— *Apesar de os adolescentes naturalmente buscarem menos interação com pais, isso não quer dizer que eles não precisem de atenção. Acredito que estar próxima deles é fundamental* — ressaltou a servidora, que, além dos dois adolescentes, também é mãe de outras duas meninas, de 10 e dois anos, e tem outro enteado de 10 anos.



Saudades adultas – Giane Cardoso, do Serviço de Eventos Legislativos e Protocolares, mora a 400km de distância dos filhos Natanael, 30, e Nathália, 29, já que um deles reside em Caldas Novas e o outro em Campos Belos de Goiás. Para matar a saudade, os três tinham o hábito de se encontrarem pelo menos a cada dois meses. Com a pandemia, a situação mudou e eles chegaram a ficar até sete meses afastados fisicamente.

— *Nunca passamos tanto tempo longe um do outro. Quando nosso encontro, enfim, aconteceu foi muito difícil porque minha nora estava grávida pela primeira vez. Então, por segurança, resolvemos usar o que temos de mais próximo que são as ferramentas digitais e isso valorizou bastante as nossas relações. Mas, mesmo assim, sentimos falta do cheiro, do abraço, do toque.*



Apesar da angústia causada pelo momento, Giane consegue enxergar alguns ganhos na relação com os filhos. De acordo com ela, a distância fez com que a família valorizasse ainda mais a convivência e aproveitasse intensamente os momentos de reencontro, declarando sempre o amor que sentem um pelo outro.

— *Sempre amei meus filhos, mas essa situação nos aproximou mais ainda. Descobrimos coisas um do outro que não tínhamos tempo para saber. Que estavam acontecendo na saúde emocional e na física. Com certeza, o lado bom que restou dessa pandemia foi a oportunidade de a família se conhecer melhor. Há dias em que marcamos videoconferência só para dar um 'oi' durante o jantar* — disse.

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

Família mais unida – Uiara Ulloa Borges, da Secretaria de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, é mãe do pequeno Vitor, de oito anos. Ela ressalta que, para além das dificuldades, o distanciamento também trouxe experiências positivas, como a chance de passar um tempo maior e de mais qualidade na companhia da família.

— *Nos aproximamos mais. Passamos a fazer mais coisas juntos, que antes não fazíamos porque não tínhamos tempo ou por simplesmente querer chegar e descansar. Outra coisa que mudou foi a relação com minha casa. Trabalho praticamente o dia todo e, no fim de semana, não costumava ficar muito em casa. Era muito mais um lugar para dormir. Hoje, aproveito muito mais o meu lar, tenho prazer em ficar nele* — explicou



Sobre a vida escolar do filho, Uiara comenta que precisou tomar uma decisão difícil no fim do ano passado. Mesmo com todo receio por conta da pandemia, permitiu que ele retornasse ao ensino presencial, já que o isolamento estava causando danos emocionais à criança.

— *Por ser filho único, ele sofreu muito com o distanciamento dos amigos. Em determinado momento, o isolamento começou a afeta-lo muito, emocionalmente falando. Quando as aulas presenciais retornaram, no final do ano passado, apesar de todo receio, pensando no seu psicológico, permiti que ele voltasse. E foi ótimo! A escola realmente implementou protocolos de segurança sanitária.*

VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR

SAÚDE EMOCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES REQUER ATENÇÃO, APONTAM PESQUISAS



Um estudo da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) analisou, no ano passado, as consequências decorrentes das restrições impostas pela pandemia a crianças e adolescentes, que estão fora da escola há mais de um ano.

De acordo com o levantamento, entre os sintomas mais recorrentes estão a ansiedade, depressão, regressão no desenvolvimento e piora de quadros de déficit de atenção e sintomas do autismo.

Já neste ano, informações preliminares de uma pesquisa global sobre os efeitos da covid-19, conduzido pela Universidade Estadual de Ohio, apontavam o Brasil como líder em ansiedade e depressão, na comparação com outros 10 países.

Na Alemanha, em fevereiro, segundo o portal Deutsche Welle, pediatras afirmaram que as restrições impostas pelo governo para conter a disseminação do coronavírus estavam provocando um aumento de problemas de saúde e distúrbios comportamentais em crianças e adolescentes.

Apesar da relevância dos dados científicos e da importância de ficarmos atentos aos efeitos provocados nos menores, vale destacar que o distanciamento social continua sendo a maneira mais eficaz para controlar a propagação do coronavírus, segundo recomendações Organização Mundial de Saúde (OMS).

Fonte: UFMG: <https://ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/releasse/pesquisa-de-comportamento-da-ufmg-mostra-o-que-mudou-nos-habitos-dos-brasileiros-durante-a-pandemia>



CAMPANHA INFORMATIVA E DISTRIBUIÇÃO DE MÁSCARAS ESTÃO ENTRE AS AÇÕES DA CASA PARA ENFRENTAR A PANDEMIA

O cuidado com a qualidade de vida dos colaboradores está inscrito na Carta de Compromissos do Senado. No momento atual, a melhor tradução desse princípio é garantir ao corpo funcional acesso a informações de qualidade sobre a pandemia, serviços de saúde adequados e acolhimento psicológico em tempo integral.

No mesmo contexto, o Sistema Integrado de Saúde (SIS) distribuiu, do início do ano para cá, mais de 25,5 mil máscaras de proteção facial, confeccionadas em tecido de três camadas, para todos os colaboradores. O setor também assinou um novo contrato para continuação da testagem periódica para os servidores que trabalham presencialmente e em locais com maior risco de contaminação da covid-19.

[VOLTAR | INÍCIO](#)

[DGER.COM](#)

[AVANÇAR](#)

De acordo com Natália Manzi, coordenadora de Atenção à Saúde do Servidor, outra boa notícia foi a assinatura da Ata de Registro de Preços para aquisição de protetores faciais em acrílico, os chamados *face shields*, que têm sido cada vez mais utilizados pela população em geral. A gestora adianta que a distribuição será feita de acordo com o número de setores definidos em análise preliminar.

Luciana Carvalho, da Secretaria de Polícia do Senado, faz parte do grupo de colaboradores que já pegaram suas máscaras, e elogiou a medida: *“Recebi as minhas bem no período que os casos de covid-19 começaram a aumentar. Além disso, acho que é uma ação que ajuda aqueles colaboradores que não têm condições financeiras de adquirir máscaras novas com frequência”*.



VOLTAR | INÍCIO

DGER.COM

AVANÇAR



Informação salva vidas – Em abril, a Secretaria de Comunicação Social (Secom) lançou uma campanha institucional de combate à covid-19, com a participação de todos os veículos de comunicação internos. Segundo a diretora da Secom, Érica Ceolin, a ação evidencia o engajamento cada vez maior da Casa com as medidas de combate à propagação do novo coronavírus.

— *Reunimos os veículos da Casa para difundir as informações que já são conhecidas pela sociedade e merecem reforço, para anunciar as novidades sobre as descobertas da medicina, além de esclarecer dúvidas que possam existir sobre as campanhas de vacinação* — detalhou a diretora.


Afora essa iniciativa, Érica ressalta que, desde o início da pandemia, a Secom se uniu à Diretoria-Geral (DGer) e à Secretaria-Geral da Mesa (SGM) para divulgar as informações de combate ao coronavírus para os servidores da Casa, imprensa externa e eventuais visitantes.

— *Além de participar dos aprimoramentos do Sistema de Deliberação Remota (SDR), com a incorporação de comissões à ferramenta, a Comunicação alimenta o hotsite SenadoContraCovid19, voltado para divulgação das ações legislativas no enfrentamento à doença.*



Diversos canais – Como parte dessa campanha, vídeos elaborados pela TV Senado e exibidos ao longo da programação trazem orientações sobre a forma correta de lavar as mãos, o manuseio adequado das máscaras, a identificação dos sintomas e o que fazer quando eles são identificados. Reportagens e peças institucionais produzidas pela TV também esclarecem dúvidas relacionadas à vacinação.

O Núcleo de Mídias Sociais (NMídias), responsável pela gestão dos perfis do Senado nas redes sociais, tem produzido posts para abordar, sob diversos ângulos, aspectos relativos à informação, à prevenção e à vacinação. Os posts “Não adianta usar errado”, “Proteja-se do Coronavírus” e “É importante saber!” são exemplos que ilustram o que vem sendo divulgado nas redes sociais da Casa. Eles são sinalizados com a hashtag #Covid19ProtejaSe.

A large, stylized teal figure in the background, resembling a person with arms and legs spread out. There are three small, grey virus-like icons with spikes scattered around the figure: one in the top left, one on the middle left, and one in the top right.

A Rádio Senado participa da ação com novos spots que circulam nos intervalos da programação. O perfil da emissora no Instagram replica os conteúdos produzidos pelo NMídias, além de reforçar a campanha informativa no programa Conexão Senado, que vai ao ar de segunda a sexta, de 8h às 9h, com transmissão também pelo YouTube.

Para o público, a linguagem direta e objetiva dos conteúdos é um diferencial. É o que afirma a assessora de imprensa Ana Lúcia Ferreira, que costuma compartilhar os materiais divulgados em suas redes sociais.

— *A primeira vez que vi algo da campanha foi um card no LinkedIn sobre o uso da máscara. A frase "NÃO ADIANTA USAR ERRADO" me chamou atenção. Porque a gente (ou a maioria) sabe o que deve e como deve ser utilizada e, ainda assim, muitos fazemos de forma errada. Essa publicação, especificamente, trouxe uma linguagem mais direcionada e objetiva. Do tipo: "como está, não adianta"* — elogiou.

Saúde emocional – Com a temática “Atravessando juntos a pandemia”, as psicólogas Ana Livia Babadopulos e Lúcia Pimentel, do Serviço de Saúde Ocupacional e Qualidade de Vida No Trabalho (SeSOQVT), promoveram um encontro virtual para conversar com colaboradores do Senado interessados em compartilhar percepções sobre o assunto.

Segundo Lúcia, a ideia de promover a roda de conversa partiu de uma servidora da Casa, que sugeriu a criação de um grupo para tratar de questões referentes aos lutos da pandemia. Assim, as profissionais decidiram fazer um primeiro encontro virtual, a título de experiência. Na ocasião, houve a adesão de 12 participantes, quantitativo que as organizadoras consideraram significativo para um projeto novo.

As psicólogas Ana Livia Babadopulos (D) e Lúcia Pimentel (E), do Serviço de Saúde Ocupacional e Qualidade de Vida No Trabalho



— *Diante disso, decidimos manter esse espaço de fala toda primeira segunda-feira do mês. Acreditamos que os participantes utilizaram de forma construtiva o ambiente oferecido para falar dos temas mais angustiantes para cada um.*

De acordo com a psicóloga, o espaço é democrático e aberto a servidores efetivos, comissionados e funcionários terceirizados, estagiários e menores aprendizes, e tem evidenciado a diversidade de emoções frente às condições e realidades tão diferentes entre os colaboradores.

— *Além de nos reunirmos mensalmente, continuaremos com os atendimentos psicossociais individuais e o atendimento pessoal aos infectados pelo vírus, que desejam nosso apoio.*



Sobre a forma como os colaboradores lidaram com a pandemia, do ano passado para cá, Lúcia pontua que há diferenças e similaridades. No início, segundo ela, *“havia um pânico pelo completo desconhecimento da doença e dos tratamentos”*.

— *Receber o diagnóstico [de covid-19] era como ter uma sentença de morte. Esse ponto não se alterou. O primeiro impacto do recebimento da notícia é uma sensação imensa de incerteza, ansiedade e medo. Será que vou precisar de oxigênio, vou precisar de UTI, vou morrer, são algumas das perguntas que as pessoas infectadas se fazem. E todos fazem essas mesmas perguntas desde o início até hoje e elas são constantes e imediatas ao diagnóstico* — discorreu.

Já a compreensão sobre o que é a doença tem mudado desde o começo da crise sanitária: *“O que antes não se sabia ou nem se pensava a respeito agora faz parte da pauta das conversas. Passado o adoecimento propriamente dito, vem uma espera por possíveis sequelas e, aqueles que as apresentam, vivem a incerteza do tempo de duração, da evolução. Contudo, essa nova onda, tão mais intensa, com o surgimento de variantes, voltou a gerar sintomas como os do início da pandemia”*.



Redação/Edição e Revisão de textos: Nilo Bairros, Patrícia Fernandes, Priscila Suares e Rogério Dy La Fuente

Diagramação e Arte: Thomás Côrtes e Lucas Dias

Fotos: Núcleo de Intranet, Agência Senado e arquivos pessoais

Fontes Utilizadas: Núcleo de Intranet, Agência Senado e textos das áreas

Diretora-Geral do Senado Federal: Ilana Trombka

Brasília, 12 de maio 2021